

# PARAIBA PECUÁRIA

um diálogo corajoso a favor da pecuária nacional



SETEMBRO - 1978  
ANO 3 - N.º 6  
Cr\$ 30,00



O GUZERÁ em FESTA  
8 a 15 de Outubro - Natal, RN.

## RUSTICIDADE, FATO E RÓATO

Antônio Ernesto de Salvo.

## O GUZERÁ COMO PRODUTOR DE LEITE

José Resende Peres.

## NORDESTE, O CONFLITO ENTRE O POSSÍVEL E O FEITO.

Manoel Dantas Vilar Filho.

## MINISTÉRIO DA PECUÁRIA

Gugé Ferraz.

## O NELORE DO FUTURO: PERDURAR?

Santo Lunardelli.

## AS CABRAS DO CARIRI

Ariano Suassuna.

## UMA SELEÇÃO DE GUZERÁ COM QUASE 100 ANOS!

# III EXPOSIÇÃO NACIONAL DA RAÇA GUZERÁ Festa do Boi 78



Ministério da Agricultura  
Governador do Estado do Rio Grande do Norte  
Secretaria da Agricultura do Rio Grande do Norte  
Associação dos Criadores de Guzerá do Brasil

Leiloeiro Trajano Silva  
Feirão Nacional da Raça

NATAL - 8 a 15 OUTUBRO 78

DE

re  
o re  
m  
V  
to  
da  
sé  
ex  
pe  
ax  
pe  
qu  
um  
Co  
cia  
tes  
qu  
ra.  
ári  
gr  
mo  
e d  
do  
do  
zer  
raç  
ger  
O r  
te  
alin  
do  
teir  
imp  
o le  
te  
nã  
pap  
gra  
que  
de  
esc  
mes  
e o  
mas  
zer  
cia  
lho  
rar  
pelo  
e pr  
noss  
ame  
Cec  
cont  
na,  
prim  
rar  
ram  
noss  
do  
no c

**FAZENDA**  
**MUÇAMBÊ**

Conquista em Uberaba, pelo terceiro ano consecutivo,  
o título de Grande Campeão Nacional da Raça Guzera.



**O Guzera  
mais premiado  
do Brasil**

**GENERAL-H** — GRANDE CAMPEÃO NACIONAL — UBERABA/78

- Grande Campeão — Recife/77
- Grande Campeão — Natal/77
- Grande Campeão — Campina Grande/77
- Campeão Júnior — Uberaba/77

- Campeão Júnior — Recife/76
- Grande Campeão — Natal/76
- Campeão Bezerro — Uberaba/76
- Campeão Bezerro — João Pessoa/75

**FAZENDA MUÇAMBÊ**  
proprietário :  
DR. HUMBERTO DE ALMEIDA

Correspondência: Caixa Postal, 86  
Telefones: (083) 321.5411 e 321.5812  
CEP 58.100 — Campina Grande — Paraíba.

# PARAIBA PECUÁRIA

Fundador: VIRGOLINO DE FARIAS LEITE NETO



Sociedade  
Rural  
da Paraíba

Parque de Exposições "Carlos Pessoa Filho"  
Fones: 321.3467 e 321.4400 - BR - 104  
CEP 58.100 - Campina Grande-Paraíba-Brasil

#### DIRETORIA

Presidente: Virgolino de Farias Leite Neto  
Vice-Presidente: Manoel Duarte de Sá Filho  
Secretário: Manoel Duarte de Sá Filho  
Tesoureiro: Manoel Duarte de Sá Filho  
Assessor: Manoel Duarte de Sá Filho

#### CONSELHO DE LIBERTATIVO

EFETIVOS - Sérgio de Oliveira Faria, Aluísio de Jesus Gomes, Antônio  
Diniz Gomes, Manoel Duarte de Sá Filho, Armando Lima, Manoel Duarte de Sá Filho  
Suplentes - Manoel Duarte de Sá Filho, Manoel Duarte de Sá Filho, Manoel Duarte de Sá Filho

#### CONSELHO FISCAL

EFETIVOS - Antônio Lima Filho, José Ayril Martins, Sebastião Alves  
Suplentes - Manoel Duarte de Sá Filho, José Ayril Martins, Sebastião Alves

## UMA PUBLICAÇÃO



EDICAMP EDITORA CAMPESINA LTDA

Matriz: Rua Duque de Caxias, 591, 2o.  
cj. 209 - Caixa Postal, 98  
58.000 João Pessoa - PB  
Fone: (083) 222.0950

Revista PARAIBA PECUÁRIA

#### Diretor: Rivaldo dos Santos

Revisor p/ Zosterina, Virgolino de Farias Leite Neto

Ricardo, Madson Roberto de Sousa

Diagramação: E. S. Ribeiro

Arte Final: Madson Roberto de Sousa, José Romêdo da Silva, Gená O Freitas

Fotografia: Publicidade R. S. Ribeiro

Descrições: Wagner Pinto Peixoto

Dizim: Nova Foz

Tradução: Paul Corbin

Coordenação: Nilda Chaves Amaral

Administração: Ademir Joazeiro da Silva

Centro de Ciências Agrárias, PB - Maria Cunha Vianna

Orientação: Sérgio Lunardi (São Paulo), V. Coronado (Paraíba), William

Mauy (São Paulo), Euripedes de Oliveira (Paraíba), Araró Soltuna (Per

matambó), José Feijaz de O. Gage (Bahia), Wlter de Carvalho (Paraíba)

Antônio Ernesto de Sá (Mogi), José Melo J. de Azevedo (São Paulo)

Amário Rosa Prata (Mogi), Cláudio Cavalcanti (Pernambuco), Hugo Prata

(São Paulo), Manoel Góes Vilar, Filho (Paraíba), José Reinaldo Póas (Rio

de Janeiro)

Colaboradores: Paulo Roberto de Miranda Leite, Manoel Felix da Silva, Síleu

Carreira Leão, Manoel Omeida de Oliveira, Ovídio Tavares, Vinícius, Abelardo

de Almeida, José Neilson Vilela Batista

Direção Comercial: Rivaldo dos Santos

Bahia, Representante: José do Socorro Lima - Fone: (071) 242.3486

Publicidade Nacional: Pereira de Souza Ltda

Recife, PE - Francisco Ignacio Ferreira da Silva - R. Buiões Marques

15, c. 411 - Fone: (081) 222.2327/5918 - Telex: (081)

1704 - CEP 50.000

Salvador, BA - Gilvaneu Gueiros - Av. Estados Unidos, Edif. Caravelas

10, sala 106 - Fone: (071) 242.3486 - CEP 40.000

Rio de Janeiro, RJ - Raul Ziller Ribeiro - Av. Graça Aranha, 174, sala

509, 12 - Fone: (021) 222.0242/221.4156 - Telex: (021)

22775 - CEP 20.000

São Paulo, SP - Ivo Rodrigues - Rua Araújo 70, 7o. - Fone: (011)

250.0332/6111 - Telex: (011) 21656 - CEP 01220

Porto Alegre, RS - Mucilo Salgado - R. Vigário José Inácio, 30, c. 72

Fone: (051) 221.6550/224.5976 - CEP 90.000

Curitiba, PR - Alberto Cavalcanti Sá - R. Dr. Goulart, 87 - Fone: (041)

252.3282 - CEP 80.000

Fortaleza, CE - Guilherme Filho - Av. Sargento Hebeino, 1080 - Fone:

(082) 226.4232 - CEP 80.000

Belo Horizonte, MG - Ivo Campos - R. Ayrolle, 1032 - Fone: (031)

222.9552 - CEP 30.000

Brasília, DF - Marcos Machado de Carvalho - SCS, Edif. Sên. Paulo, 5o.

Fone: (061) 233.5426 - CEP 70.000

Boatim, PA - José Moura - Fazenda da Piedra, 587 - Fone: (042)

222.1736 - CEP 60.000

Pianópolis, SC - Rodrigo Salazar de Moura - R. Fátima Tavares da

Quarta Feita, c. 1 - Fone: (048) 44.3668 - CEP 05185

Impressão: Gráfica Editora Ltda, Campina Grande, PB - Fone: 371.2280

A revista é a propriedade da Sociedade Rural da Paraíba e não pode ser reproduzida sem a autorização da mesma. A revista é publicada em artigos, notícias e informações para todos os produtores rurais. A revista é a única publicação especializada em pecuária do Nordeste.

## conversa ao pé da porteira

O futuro presidente do Brasil foi claro, quando de sua visita ao Nordeste, salientou que todos os recursos dispendidos desde 1960 nada mais fizeram que evitar um atraso maior sobre os índices nacionais de desenvolvimento, obrigando a região a correr muito, apenas para não ficar em situação pior, pois precária ela já é, há tempos.

O aspecto mais interessante é que, pela primeira vez, uma personalidade teve a coragem de dizer que, para propiciar um condigno desenvolvimento ao Nordeste, seria necessário frear todo o progresso do resto do Brasil. Essa verdade crucial que agora surge de repente, é suficiente para gelar as esperanças e impedir uma "condigna atenção", mas pelo menos cria um novo estado de espírito, o de haver recebido o choque-da-verdade, a revelação de que estamos muito atrás, além do que pensávamos, mas talvez, menos sós.

"POIS NÃO HAVERÁ BRASIL PRÓSPERO COM NORDESTE MISERÁVEL. Cresceremos ou pereceremos todos juntos. E haveremos de crescer, na medida em que pudermos enfrentar as questões com a coragem de pensar, a franqueza de dizer e a lealdade de não esconder."

De resto, as citações das futuras estratégias nada trazem de novo, nem quando — poeticamente — afirma que os beneficiários do desenvolvimento do Nordeste não serão os nordestinos, mas todos os brasileiros.

A falência das iniciativas de industrialização, como fórmula salvadora, já está bastante evidente, principalmente quando se afirma que o Nordeste conseguiu, arduamente, chegar aos mesmos níveis em que estava em 1930, precisando criar — nos próximos dez anos — mais de 5 milhões de empregos, para poder respirar humanamente.

E, como num passe de mágica, a luz fende as trevas e mostra o caminho do campo, a fixação do homem à terra, a produção de bens de consumo diário e vitais, como a mais válida

e única alternativa para começar tudo de novo, pois já foram construídos muitos palácios no Nordeste, e todos sem o devido alicerce, que está ali, no campo. As fórmulas salvadoras não serão, nunca, a redenção nordestina, sem o desenvolvimento da agropecuária e o homem que, "antes de tudo é um bravo", tem recebido nos últimos anos, apenas esmolos, para que pudessem ir se transformando, paulatinamente, num mecanismo controlável de consumo de bens secundários, cujas receitas são sempre canalizadas para além das fronteiras regionais. Gerou-se, assim, uma existência-fantasia, onde algumas minorias passaram a ter melhores rendimentos nas novas oportunidades que foram implantadas, mas nunca podendo se constituir nos líderes representantes da realidade nordestina, e nunca formando a média tão preconizada.

Por um espaço de tempo, que já tem durado demais, essa fantasia dominou o cenário, com suas mirabolantes estatísticas, mas as palavras do General Figueiredo deixam claro que ele irá discernir entre a vida num palco e a vida real, adotando medidas sensatas, e isso já é um consolo.

Resta saber se ele conseguirá mudar a imagem de uma agropecuária transformada em vilão, acusada de ser a maior responsável pela inflação, dando — tanto quanto possível — incentivos e recursos, sem se descuidar do combate a essa comprometedor inflação.

Nessa hora, tantas vezes repetidas nos últimos tempos, as pressões serão enormes e o Nordeste correrá o grave risco de ser atirado às traças, por mais alguns anos, cabendo-lhe apenas os míseros recursos de sempre, pois ele não tem passado de um primo-pobre que, recebendo algum dinheiro, corre a gastá-lo em premeditadas guloseimas das mãos do primo-rico. O General vai apostar na agricultura brasileira e se for justo em suas medidas, pelo menos a mesa do nordestino será mais farta, o que já será um grande progresso.



## NOSSA CAPA

A grande semelhança da região Nordeste com o habitat natural do "Kankrej", na Índia faz com que o GUZERÁ seja uma grande raça para o Norte/Nordeste. A Exposição de Natal, RN ganha, por isso, maior significação no contexto da pecuária brasileira, trazendo os melhores criadores do País, com suas representações, constituindo um grande evento para a evolução e futuro da raça.

DER

revi  
o M  
revi  
mo  
V.  
to  
dad  
séri  
exa  
pec  
axi  
pec  
qu  
un  
Co  
cia  
te  
qu  
ra  
ár  
gr  
me  
e  
do  
do  
ze  
raç  
ger  
O  
te  
alir  
do  
teir  
im  
o l  
te  
nã  
pap  
gra  
que  
de  
esc  
mes  
e o  
mas  
zer  
cia  
lho  
rar  
pêl  
e p  
noss  
ame  
Cec  
cont  
na,  
prim  
rar  
ram  
noss  
do l  
no c

**INDICE  
SUMMARY**

	Página
Editorial .....	3
Reportagens	
– Ecos da Grande Exposição .....	4
– Cidagro, um ensaio de gigante .....	20
Noticiário Geral	
– Panorama .....	30
Artigos e Comentários	
– Nordeste, conflito entre o possível e o feito - Manuel Dantas Vilar Filho .....	5
– Rusticidade, Fato e Boato: Antonio Ernesto de Salvo .....	8
– O Guzerá como produtor de leite - José Resende Peres .....	10
– Sugestão para o Nelore do Futuro - Santo Lunardelli .....	12
– Ministério da Pecuária - Ferraz Gugé .....	25
– As Cabras do Carri - Ariano Suassuna .....	35
– Os pecuaristas do Nordeste .....	41
– Guzerá Exportação - 1923 .....	39
Assunto Técnico	
– Vide pesquisa de Santo Lunardelli, sob o título Sugestão para o Nelore do Futuro .....	12
Reportagem Especial	
– O rebanho guzerá mais antigo do mundo, quase 100 anos de história .....	21

**ÍNDICE DE ANUNCIANTES  
ADVERTISER INDEX**

	Página
Humberto Manuel de Almeida - Fazenda Muçambé, gado guzerá .....	2a. capa
Exposição de Cordeiro, Governo do Rio de Janeiro .....	7
Saulo Maia, Fazenda Olho D'Água, gado guzerá .....	9
Jairo Monteiro, Fazenda Pedra D'Água, gado guzerá .....	11
Jotamachado Engenharia, Octávio Machado Neto, gado nelore .....	17
João Roberto Leite, Fazenda Joberlei, gado guzerá .....	18/19
José e Ana Rita Tavares de Melo, Fazenda N. S. Aparecida, gado guzerá .....	21/22/23/24
Polycrét, produtos em premoldados .....	26/27
Manuel Dantas Vilar Filho, Fazenda Carnaúba, gado guzerá .....	28/29
Casa do Criador .....	31
Exposição Paraíba, Governo do Estado .....	32
Fábrica Laboremus .....	33
Comag .....	34
J. Macido, Fazenda Canhotoinho, gado guzerá .....	37
José Sérgio Maia, Fazenda Panorama, gado schwytz .....	3a. capa
DaniMetal, produtos p/irrigação .....	contracapa

**ECOS DA GRANDE EXPOSIÇÃO — UBERABA — 1978**



*Os paraibanos em Uberaba: Arthur Freire, insigne criador e 1o. Prêmio em Indubrasil, Dr. Douglas C. de Vasconcelos representando a Secretaria da Agricultura PB, Dr. Humberto de Almeida, tricampeão em guzerá e Presidente da Sociedade Rural da Paraíba, Dr. Geraldo, emérito técnico da S.A.A.*

*Grande criador de guzerá João Roberto Leite, o Ministro Alysson Paulinelli e o Presidente da ABCZ Dr. Arnaldo Rosa Prata*



*O atual Presidente da ABCZ, no momento da entrega da Taca.*

*Os grandes criadores de Indubrasil, do Sergipe, que foram os vencedores, de acordo com a Pesquisa realizada por Paraíba Pecuária, No. 5 — mostrando que o Indubrasil sergipano é bom de pista.*



*Dr. Laerte, da ABCZ, ladeado por Olga Serão e Carlos Príncipe, criadores de Nelore, na Bahia.*



*O Grande Campeão Guzerá, General-H, do Dr. Humberto de Almeida, de Massaranduba, PB.*

# NORDESTE: O conflito entre o possível e o feito.

**MANUEL DANTAS VILAR FILHO**, um dos mais tradicionais criadores paraibanos, pesquisador e de notável senso público, declara que a solução para os problemas do Nordeste está no próprio solo, bem ao alcance da compreensão. Uma das vozes mais procurada para orientação das políticas regionais, está sempre na vanguarda dos trabalhos a respeito da luta contra o agressivo semi-árido.



*Numa atitude ensimesmada, o autor sentiu profunda humildade quando realmente "descobriu a verdade" que já era praticada há milênios. De repente, como um relâmpago, os americanos usam feno, na região seca, os australianos, os judeus do tempo de Cristo e até o Salvador da Humanidade abençoou este ilustre alimento do gado, ao ser colocado na manjedoura. Mas o modernismo soube lançar um véu sobre a busca da realidade e muitos anos são perdidos em pesquisas, tentativas e sempre resta a esperança. O autor conclui que o sertão é uma longa espera e que as soluções estão aí, na flor do solo, para quem quiser ou puder ver.*

A Agricultura e a Pecuária nas regiões de clima regular e manso, já não têm maior segredo, seja pelo domínio das técnicas de trabalho, seja pelo tempo de ocupação dessas áreas, em todo o mundo. Para elas, são perfeitamente disponíveis as raças animais melhoradas, seguramente conhecidos os métodos agrícolas e a sucessão das gerações produziu lá, camponeses hereditariamente qualificados e socialmente ajustados à vida e às atividades rurais. Praticamente não se tem que improvisar e sua evolução já é regulada pela evolução paralela do conhecimento, da tecnologia, que vão sendo assimilados, naturalmente, à medida que vão surgindo. Os rumos da economia são harmônicos e não sei até onde isso tudo é causa ou consequência do enriquecimento das respectivas nações.

Na parte tropical da Terra não é assim e ainda se usa muito **adotar sem adaptar**, procedimentos e probabilidades. Alguma coisa em torno desse problema, é certo, já começa a se formar, como insinuem trabalhos desenvolvidos na Nigéria (Instituto Internacional de Agricultura Tropical) e, aqui entre nós, o esboço das atividades da Embrapa. Mas, estamos atrasados e somente um caminho que enfatize a compreensão dessas peculiaridades, possibilitará o que chamo de **mudança de atitude básica** diante da agropecuária tropical (o Sol não vai sumir como os hidrocarbonetos...), tornando-a atividade estabilizada, com fatores do trabalho maduramente determinados. Só partindo daí, acabarão, inclusive, as manias por novas raças, os **modismos** das pastagens e arrefecerá o gosto novidadeiro gratuito que tem condi-

cionado, — evidente sintoma da incerteza — o comportamento brasileiro no campo, na maior parte do país.

Por sua vez, a postura política, é, também, volúvel, meio grandiloquente e sem persistência: ora seríamos o celeiro do mundo, ora somos o deserto importador de comida; ora os "excedentes agrícolas" financiam a industrialização, ora são feitas as fábricas pela via do endividamento internacional puro e simples; ora é preciso afirmar a soberania nacional e ocupar milhões de km<sup>2</sup>, ora se estimula a megalópole, para criar "polos de consumo"... de bugingangas.

E as pessoas, talvez por uma carência essencial de segurança, acompanham o ritmo: ou sentem-se inferiorizadas no trabalho rural e emigram, ou ficam lá, simples operários rurais, sem maior qualificação e mais ou menos desestimulados para a assimilação de processos renovados de trabalho.

E quem quiser ver como esses desencontros se exarcebam, venha pro Nordeste! Aí, sim, é que falta, mesmo, a diretriz da ação segura, a alternativa econômica aclarada. E toma a dimensão de sonho, o dia em que a tal atitude básica seja a de que nós, os nordestinos, é que teremos de encontrar, por nosso esforço, os nossos próprios caminhos. O dia em que, conscientes, por um lado, de que somos 1/3 da população do país e quase isso da sua área, saibamos impor a ponderação desse fato aritmético e exigir, de algum modo, um tratamento condizente; e, por outro, de que sendo zona seca no mundo, a minoria e tendo, cada uma, características particulares, pouco adianta insistir na adoção caricatural de procedi-

mentos referidos a outras latitudes. Aqui é que deverão ser identificadas não somente a parte técnica das soluções — raças animais, pastagens, variedades e métodos agrícolas — mas, formada a convicção de que isso é possível e viável, como ponto de partida.

Tenho, pessoalmente, enorme esperança e sou, mesmo, otimista; até porque, o rigor do clima que aqui condiciona tudo e dificulta analogias lineares com outras regiões, ajuda ao homem, aumentando sua capacidade de persistir e disputar com a dificuldade... Se o Poder Público assumir sua parte da iniciativa — sempre decisiva e, necessariamente, mais acuidada, em áreas com evidências de estagnação econômica — sou capaz de jurar que a mobilização é possível e seremos, um dia, também sob o aspecto da produção e da riqueza, um bom pedaço do Brasil.

Objetivamente, o que posso contar, a propósito, são algumas incertezas e outras tantas confianças que adquiri, depois de alguns anos de trabalho duro no Sertão do Cariri paraibano, para onde vim por opção irrecusável, após quase 15 anos de serviço público, como Engenheiro de Saneamento e Professor de Universidade. Vim assumir, por morte súbita de meu pai, a administração da fazenda, onde eram cultivados, em consórcio, algodão arbóreo, milho e feijão e criado, em regime extensivo, um rebanho bovino Guzerá, puro e/ou cruzado, trabalhando-se, efetivamente, apenas 10% da terra disponível. No restante — não havia, no amplo sentido, possibilidades — era, como em toda a região, ficarmos a depender dos ricos, mas, de curto ci-

clo, pastos nativos das caatingas altas do Cariri, só existentes com as esparsas chuvas e, no estrangulamento das secas, chamar a coragem e recomeçar tudo de novo. Não tenho dúvidas de que, embora exercesse profissão urbana e diversa — e o fiz com muito empenho e algum resultado — minhas afinidades mais íntimas eram com a agropecuária; daí não ter havido maior trans-torno na mudança, salvo a falta pater-na, não somente afetiva, como pelo o que ele tinha de informações, acumuladas autodidaticamente, sobre o possível de se fazer aqui para escapar.

Na idéia de identificar para assumir, o papel da geração seguinte, perante o que fora feito anteriormente — meu pai viveu só da fazenda, respeitou como norma a conveniência alheia, ajudou por gosto muita gente e conseguiu criar e instruir sete filhos, sem perder a alegria — conversei com amigos e conhecidos, busquei, sem achar muito, bibliografia pertinente e terminei admitindo, para começar, que o meu caminho era a ... produtividade.

Para o algodão, isso seria o uso de sementes melhoradas, adubação química, etc. Fui procurar a semente e a novidade da época era um tal de IAC-13 (C de CAMPINAS — São Paulo, onde sei que D. João VI criou um Instituto Agrônômico que, ainda hoje, continua orgulhando o Brasil), mas, por pura ilação lógica, desisti; ...“essa semente, pelo próprio nome, deve ser boa coisa, pois é de fonte respeitável, mas, garantido, se acertar aqui, será por acaso; ela foi criada para São Paulo, onde o clima é outro...”. Preferi considerar o espanto desconsolado do pessoal da Fazenda, quando lhes anunciei que iria trazer caroço fidalgo, certamente lembrados do quanto apanharam de um tal P — qualquer número, que o truste do comércio espalhará certa vez, acabando com o rústico mocó verdadeiro, lembrado com saudade por todos. Acertei.

Aos poucos fui sabendo que, nessa linha, alguma coisa fora feita, por gente de grande valor, em Fazendas Experimentais do Nordeste e achei estranho que tudo se tivesse dispersado, que não tivesse, em suma, se institucionalizado qualquer posição definida, a ponto de alguém, com muito vontade e com relativo acesso a publicações e Entidades, terminar inseguro e, simplesmente, tivesse que deixar as coisas como estavam. Isso e mais a crença de que produtividade agrícola se mede em cruzeiros por hectare e não somente em quilogramas, me fez abandonar a adubação química. Depois, especulando noutra direção — finalmente, fazia as contas e nem mesmo o mascaramento pela inflação, do resultado, conseguia me iludir —, me perguntava: se o algodão nordestino é tão mais importante a

ponto de se contarem nos dedos os poucos lugares do mundo onde é produzido similar, porque, no mercado do produtor, a diferença para o mesmo quilo do outro, do segundo time, é tão pequena, quando, de saída, por ser arbóreo e permanente (no seu ciclo de cinco anos, haverá, pelo menos, dois de chuvas inadequadas) é, necessariamente, de custos mais altos, por mais racional que tenha sido a lavoura?

Aprendi, com segurança, que pela sofisticação das máquinas têxteis, o comprimento da fibra, por si, não era mais tão condicionante de qualidade e, sim, a maciez, sedosidade e outras características do fio que somente o sol e a ventania crestante do nordeste criavam; e continuo achando esquisito que somente a fita métrica regule o mercado e seja referência exclusiva, até para os preços mínimos oficiais. Desconfiei, então, que a bandeira da produtividade da lavoura, no caso, era um farrapo; o problema era no multiplicando da equação, era o mercado escancaradamente manipulado há, até, curiosa (?) alta trianual do preço, estudada “visita da saúde” aos moribundos... e, nessas alturas, a ferramenta não é mais a vocação ou a vontade de produzir melhor. A questão vira política, na medida maior em que o clima restringe a alternativa de outras culturas de mercado e causa dó ver, a cada ano, pequenos agricultores desfazendo-se das poucas reses que possuem, para completar o pagamento do custeio agrícola, empobrecendo-se e empobrecendo ainda mais a região, que já tornou-se importadora de carne desde alguns anos, invertendo uma posição que tinha, desde os começos do Brasil.

Plantar algodão é, pois, uma das incertezas que adquirir. Diante dela fico pensando que o sol dos dias, seguido das noites frescas do sertão — pelo que ouvi, alternância importante para produzir boas frutas — poderia ser uma saída. Ou a outra, esperar que, um dia, a comercialização do ex-ouro branco escape das garras de todas as Sanbras, pela ação direta do Governo e o Nordeste possa partir, de forma orgânica, da retomada do trabalho de seus técnicos e melhorar de vida, servindo mais uma vez ao país, na medida em que os derivados do petróleo, por escasseamento, vá impondo maior uso de fibras naturais para a humanidade vestir-se.

E enquanto isso não ocorre, vou sendo agradavelmente surpreendido com o plantio de sorgo, pelo terceiro ano consecutivo, que arriscara inicialmente só para atender ao entusiasmo de um agrônomo conhecido, vindo do norte da África, espantado, em primeiro lugar, com a extensão do plantio de milho (para ele indicador de fertilida-

de) por aqui e, depois, porque, produzindo tanto milho quanto a má distribuição — mais que a quantidade — da chuva deixava, não se mudava para aquele seu sucedâneo, mais rústico e mais produtivo.

De qualquer modo, estou convencido de que, nas nossas possibilidades, caberá maior peso à Pecuária e, nessa direção, existem algumas das confanças a que me referi. Quero crer que o capricho do clima e a posição geográfica nos conduzirão, francamente, para produzir carne como derivado da pecuária leiteira, como, de resto, parece suceder, ultimamente, até na Europa Central. Dificilmente conseguiríamos concorrer com os custos da pré-amazonia e do Brasil central-pecuário, entre quem nos encontramos, além de ser o leite, proteína mais acessível e mais fácil de ser produzida em pequenas propriedades. Globalmente, ela ocupa mais gente, não exclui a outra, distribui melhor a renda, aproveita os restos da agricultura e é alicerce para indústrias sensatas.

Para esse mister, já se têm no Brasil, rebanhos zebuínos leiteiros, básicos, partindo, ainda, do que vi e vejo todos os dias, acontecer. Meu pai me dizia, sempre que, no mestiçamento, um grau de sangue europeu acima de meio não dava certo no gado e que, nas condições do sertão seco, chegava mesmo a preferir 1/4, se o zebu da mistura fosse Guzerá, como, depois de muito experimental, ele criou e cruzou, desde os anos trinta, quando conseguiu o primeiro lote do rebanho do pioneiro de Cantagalo: eram produtivas, resistiam incrivelmente melhor nas secas e só lamentava que esse trabalho de seleção funcional não tivesse sido mais amplo, o que restringia a quantidade de gado disponível.

Lembrei muito essas histórias quando li, outro dia, os resultados do levantamento a partir do qual se estabeleceu o PROCRUZA, feito nas bacias leiteiras do centro-sul, estatisticamente representativo das condições reais das fazendas, onde está evidente o quanto cai a produção, na medida em que cresce o grau de sangue europeu... E fiquei cismando quanto foi sábia a preocupação de João de Abreu, importantes para para nós, hoje, as penosas viagens de meu pai lá e, sintomático que tenha sido no nordeste, em Umbuzeiro, a primeira iniciativa oficial de seleção, do Gir naquela direção. Só deixaremos de importar leite, sobretudo as regiões de clima mais rigorosas, a partir do zebu leiteiro, por si e também por cruzamentos ordenados com ele, feitos na proporção que um estudo ainda faltante, determinar, para cada latitude. Então, aproveitando o ensejo, é de se aplaudir o colaborador dessa Revista, V. Coronado, quando defende

apaixonadamente, com simpática radicalidade, o zebu, de cujo melhoramento, o Brasil tornou-se a pátria.

Quanto à outra metade da raça — a que entra pela boca — são muito animadoras as possibilidades abertas com a introdução recente dos capins BUFFEL na região. Louvados sejam os competentes australianos que os trouxeram da Ásia/África e os esforços da Secretaria de Agricultura da Paraíba na confirmação de sua adaptabilidade aqui e sua disseminação. O que foi feito na Fazenda Pendência (município de Soledade - PB) pela capacidade técnica e o senso crítico profissional do Eng<sup>o</sup> Agrônomo José Quirino Alves — reverência lhe devemos nós, os nordestinos — estimulou muita gente e, de repente, a barreira dos 10% trabaláveis começa a cair, debaixo da possibilidade de uso econômico, praticamente, da área integral das propriedades.

O diabo é que, justamente quando essa janela se abriu, mostrando um caminho que poderia diminuir muitas pobreza, a Pecuária foi maltratada com o corte radical dos créditos, incluído aí o Nordeste, que os tinha, diferenciados, embora que com possibilidade restrita de aplicação.

Agora, os desequilíbrios regionais voltam a preocupar aos que estimam o futuro do país; o tema, novamente alçado à discussão em nível político —

afinal a Confederação do Equador é fato da História — poderá daqui a algum tempo, produzir medidas concretas no sentido de reduzi-los e a gente, então, esquecendo a canseira de tanta perda, colherá bom proveito do evento — o surgimento de uma gramínea rica, perene e comprovadamente resistente à seca — que, por si só, justificaria todo um estudo e decisão para ativar investimentos. Convém lembrar, a propósito, que a demanda de crédito rural de todo o nordeste, representa pouco mais de 2% do nacional. Uma parcela desse porte, não tem obviamente, nada a ver com os desarranjos no “Orçamento Monetário” — o nome novo, de conversa antiga, em louvor de quem, são imoladas, até, prioridades nacionais.

Fui fazer feno desses capins, de qualquer jeito, depois de esperar dois anos equipado com a segadeira, procurando quem me ensinasse a produzi-lo. Quase nada achava escrito e, honestamente, todos a quem pude perguntar confessavam não ter experiência disso. À noite, com a garagem improvisada em fenil, cheia até o telhado, comecei a desconfiar que a falta de informação, tinha o que ver com a simplicidade do óbvio, a entender o que era “ponto de feno” e a sossegar o meu receio do desconhecido. Animado pelo que produzira o primeiro hectare cortado, pela facilidade e baixo custo da opera-

ção e, até, pelo bom “cheiro de feno” que começava a se desprender, fui, ali, sozinho, espiando pro monte, sendo acometido da sensação de quem acabava de descobrir uma verdade essencial. Subitamente, me ocorreu que a Bíblia já fala em feno e, até que, molduras nas paredes das casas sertanejas têm, muito, o desenho colorido do Cristo recém-nascido, acomodado num feixe de palha que nada mais é do que capim fenado. Recobrada a sobriedade, nesse recuo de dois mil anos, pus-me a pensar sobre as viabilidades que existem e, embora já meio cansado — é sempre bom não se confundir o tempo da História com a nossa própria biografia — a confiar que, um dia, seja pelo somatório penoso de esforços isolados, ou, da ação abrangente, decidida pela via da consciência política e domínio das técnicas próprias, esse mundo áspero, bonito e de gente ainda sóbria, haverá de equilibrar-se, partindo do chão que tem e, sobre ele, de baixo para cima, construir uma vida econômica saudável, porque calcada no real. E, enquanto não, o melhor é ir aderindo ao fatalismo dos sertanejos e concordar com Guimarães Rosa, que o sertão é uma longa espera; se não, vai se ficando cada vez mais angustiado e infeliz, com o conflito, nos miolos do juízo, entre o possível e o feito.

Taperoá, setembro de 1978.

# Convite de Cordeiro para gente que gosta de gado e ama a agricultura.

Como acontece todos os anos em Cordeiro, no tradicional Parque de Exposições do Estado do Rio de Janeiro, a Secretaria de Agricultura promoverá uma das mais representativas exposições de agropecuária do Brasil. Espera-se que todo o País — particularmente a gente da Paraíba — não perca uma festa dessas.



Todos serão bem-vindos.

**A PARAÍBA  
NÃO PODE PERDER.**

IV Exposição Estadual  
de Agropecuária e Abastecimento  
Cordeiro - 21 a 29 de outubro.

**GOVERNO FARIA LIMA / SECRETARIA DE AGRICULTURA**

# RUSTICIDADE: FATO E BOATO

ANTONIO ERNESTO W. DE SALVO, um dos baluartes do guzerá brasileiro, alia grandes conhecimentos de zootecnia, prestigiosa tradição e é um dos apaixonados pelo nobre gado indiano. De profunda erudição, é constantemente consultado pelos organismos oficiais, a respeito de assuntos referentes à pecuária nacional e acredita que o Brasil deverá, forçosamente, voltar os olhos decisivamente para o setor.



*Com todos os problemas que o "Kankrej" enfrentou no Brasil, constitui uma raça que vem galgando uma sólida posição de vida, principalmente, à rusticidade. Não é prudente eleger uma raça única para o Brasil, mas para a Pecuária nacional, o Guzerá deve ser um dos esteios, pois é o mais apto.*

"A área de criação de Kankrej é baixa e seca. Em sua maior parte é uma região sem árvores e as porventura existentes estão nas bordas de açudes e ao longo das margens dos rios. Os dois principais cursos d'água, Banas e Saraswati, que correm nesta zona são temporários e parcialmente secos durante os meses de verão."

"A precipitação média vai de 20 a 30 polegadas e está usualmente concentrada dentro do período de julho a outubro"

"Onde quer que haja pastagem disponível ela é apenas temporária"

Joshi e Phillips são os autores destas frases descritivas inseridas no famoso livro "ZEBU CATTLE OF INDIA AND PAKISTAN", editado pela FAO, em 1953.

A tônica da seção dedicada à raça Guzerá, como nós a chamamos no Brasil, é uma só: uma região seca, em parte desértica, dando origem a uma raça rústica, razoavelmente leiteira, das mais pesadas da Índia, certamente adaptada a condições adversas por mais de 50 séculos.

Na fazenda Northcote, em Chharodi, no Estado de Bombaim, as fêmeas adultas pesam, em média, cerca de 417 kg e os machos, 616 kg. Aí, as vacas de cabeceira produziram algo mais que 2.000 kg de leite por lactação.

Os pioneiros criadores que foram à Ásia para buscar o zebu, que forma hoje o alicerce da pecuária nacional, certamente, não trouxeram um maior número de animais desta raça por mero acaso. Sabe-se que entraram no Brasil mais animais Guzerá do que de qualquer outra raça zebuína. Foi ela, inicialmente, a grande responsável pelo azebuamento do gado então existente, mas perdeu expressão numérica na exata proporção da qualidade dos mestiços que produzia, inclusive, quase

desaparecendo, quando se formou o Indubrasil.

Os pequenos núcleos que permaneceram tiveram que amargar décadas de ostracismo, relegados a uma condição de inferioridade em relação, ora a um, ora a outro, dos demais grupamentos étnicos que importamos.

Com o aparecimento de uma mentalidade zootécnica, advindo do maior interesse das entidades públicas pelo zebu e de trabalhos pioneiros de alguns técnicos, paulatinamente evoluindo no sentido de se aferir a qualidade dos rebanhos, antes por meio de provas e controles do que por modismos opinativos, a importância do Kankrej brasileiro vem crescendo novamente, caindo, um a um, os tabus contra os quais se defrontava.

Não se pretende, aqui, comparar raças e apontar a melhor. Duvidamos que se possa fazer isto em um país tão grande e composto de regiões tão diferentes como é o nosso.

Pretende-se quebrar modismos in-

justificados, nascidos quase sempre de desconhecimento de fatos zootécnicos já obtidos de inúmeros trabalhos realizados, multiplicados pela tendência compreensível, embora leviana, de se repetir o que se ouve sem saber se a fonte é boa.

Seria esta raça menos rústica, considerando a palavra em seu sentido mais costumeiro de capacidade de resistir a condições adversas?

"A área do Ongole é, na maior parte, plana, mas campos ondulados principiam à medida que se vai para oeste. Há riachos e rios perenes correndo através da zona. O mais importante deles, o Krishna, corre na fronteira norte da região, enquanto o Manneru, o Paleru e o Musi cortam o centro e o sul. As margens destes rios formam excelentes áreas de pastagens, também, por causa do perigo de enchentes, as partes adjacentes são deixadas como pastos"

"A região recebe chuvas das monções de sudoeste de maio a setembro



... se rusticidade for um dos fatores principais para o desenvolvimento de uma raça então o Guzerá será o mais apto. (foto PP)

assim como das de nordeste de outubro a dezembro, e, assim, há, usualmente, uma estação de pasto excepcionalmente longa. A precipitação média da área vai de 30 a 35 polegadas”

Frases também dos autores citados anteriormente na mesma obra, referindo-se ao local de origem da excelente raça Nelore, como a chamamos. Mais adiante eles dão os pesos médios das fêmeas e machos, respectivamente de 409 a 54 kg e de 545 a 613 kg, quando adultos.

Ressalvadas as excelentes qualidades destas duas raças que importamos — Guzerá e Nelore, permanece a dúvida de saber qual delas estaria mais apta a enfrentar condições duras: se aquela caldeada a milênios nas cercanias de um deserto ou se a outra, formada nas regiões acima descritas, também por séculos.

Apesar de acharmos, também, que Deus é brasileiro, tanto que já permitiu que todos os grupamentos de zebuínos que importamos sofressem aqui, e só aqui, mutações que originaram as respectivas variedades mochas, desconhecidas no país de origem, duvidamos que o meio século de trabalho que temos, se tanto, seja capaz de proporcionar um remanejamento da carga genética destas raças a um ponto diferente do que seria razoável esperar da seleção natural por 5.000 anos.

A introdução de sangues de outras raças no Nelore brasileiro, fato conhecido e perfeitamente justificado pela forma e pela época em que se fizeram as primeiras importações pode e deve ter alterado, para mais ou para menos, algumas de suas qualidades mais notáveis. Certamente, porém, nenhuma destas raças se formou em condições tão árduas como as que prevalecem na zona do Guzerá, na Índia.

O fato de o Nelore brasileiro ser dotado de tetas menores, nas vacas, e de produzir menos leite do que o Gir ou o Guzerá, ao contrário do que ocorre em seu país de origem — onde é tido como razoavelmente leiteiro, resulta em vantagens evidentes para a criação, principalmente em regiões pioneiras.

Mas isto não é rusticidade. Pode ser, até, faca de dois gumes como muito bem explicou o grande criador Eduardo Duvivier, à página 32 do histórico livro de André Weiss “—Os Grandes Reprodutores Indianos do Brasil”:

“Lidando com rebanhos numerosos, de várias raças, em regime de campo, o que não permite as verificações freqüentes de peso, em bezerros, garrotes e adultos, podemos todavia, concluir com segurança:

1o. — Os bezerros Kankrej nascem com peso, evidentemente, maior que os Ongole e são muito mais precoces, desmamando, dos 8 aos 10 meses, com

muito mais volume e maior peso, o que, de um modo geral, atribuímos à qualidade leiteira das mães; evidencia-se esta superioridade quando, colocados num curral numerosos bezerros desmamados Kankrej e Ongole, em quantidades iguais, aparecem, quase que exclusivamente, os primeiros, dando ao observador a impressão que o número dos últimos é muito menor, e isto porque a diferença de porte é tal que os primeiros escondem os segundos.”

Neste país continente, com a multiplicidade de climas, sistemas de criação e normas de alimentação, não é prudente eleger-se uma raça como universalmente preferível ao ponto de nos encaminharmos para a raça única.

Ao contrário, devemos trabalhar com quantas for possível, procurando sempre aquelas que, dada à suas origens, apresentem nítida afinidade com a região onde se pretenda desenvolvê-las.

Se rusticidade for o fator mais importante, o Guzerá será o mais apto.

Canoas, 20 de junho de 1978.



# FAZENDA OLHO D'ÁGUA



**Seleção Guzerá  
a Regime de Campo**

Campeão  
1709

Faraó - 1386  
3673

Divisa  
5927

Galfcia  
A-5017

BOMBAIM

- Tourinhos reprodutores à venda
- Cem matrizes Guzerá PO permitem uma descendência de alto nível.

**SAULO DE ANDRADE MAIA**  
R. Alice de Almeida — 34  
Fone: (083) 226.1749  
João Pessoa — PB  
Fazenda: Areia, PB.

# O GUZERÁ COMO PRODUTOR DE LEITE

JOSÉ RESENDE PERES, um dos mais discutidos líderes do panorama agropecuário moderno, com voz ativa em todo território nacional, atual Secretário da Agricultura do Rio de Janeiro, é conhecido pela coragem com que divulga seus pontos de vista. Incontestavelmente, o Estado do Rio de Janeiro sofreu uma modificação radical, durante a atual administração, o que credencia, por si só, as iniciativas de J.R. Peres



Os países da faixa temperada, como a Argentina, Uruguai ou EUA, não tiveram problemas para formar seus rebanhos leiteiros. Foram buscar na Europa tradicionais raças leiteiras que em ecologia similar desenvolveram-se muito bem, e hoje já temos mesmo o Holando-Argentino ou o Holandês do Canadá ou dos EUA.

O mesmo não aconteceu com os países novos da faixa inter-tropical, como o Brasil. Clima quente, forrageiras mais fibrosas, carrapatos e bernezes, e sobretudo aftosa, foram obstáculos à criação econômica de raças européias puras.

Na Índia o leite do búfalo sempre foi preferido, porque mais gordo, e só no século passado os veterinários das unidades do Exército inglês fundaram as primeiras granjas de seleção de raças com aptidão leiteira como Sahiwal, o Sindi, o Kankrej ou Gir. E no Brasil o primeiro homem de visão para o problema foi o falecido João de Abreu Jr., cuja obra é continuada hoje por seu filho Alírio e pela Fazenda Expe-

rimental de Italva.

O trabalho pioneiro teve continuadores. Selecionando Guzerá Leiteiro hoje sob controle oficial, os seguintes criadores, além dos dois citados: José Osório de Oliveira, São João da Boa Vista, SP; Roberto Martins Franco, Sales de Oliveira, SP; Curtume Carioca S/A, Magé, RJ; e este repórter em São Pedro dos Ferros, MG.

No princípio muitos criadores pensavam que existissem duas "genéticas", uma para os "bos indicus", outra para "bos taurus"... e chamavam de malucos aqueles que concentravam esforços para dar ao Brasil raças tropicais leiteiras. Mas depois de 15 anos de trabalho alguns selecionadores provaram que a ciência era a mesma para gado europeu e indiano, e hoje a Fazenda Brasília, recordista mundial em produção de leite com a raça Gir, já possui vários touros PROVADOS, e está eliminando vacas que produzem menos de 3.000 kg numa lactação, o que antes pareceria um sonho.

Há dias liguei o telefone para Alber-

to Alves Santiago, zootécnico da FAPESP em São Paulo, e pedi a relação das melhores vacas Guzerá, só as melhores registradas e submetidas a controle leiteiro oficial. Para alegria minha entre as DEZ MELHORES seis eram vacas de minha fazenda, sendo que cinco delas eram vacas com o selo TROZ JP, isto é, de minha criação. Eis a relação:

(Vide Quadro As Dez Mais)

Pela média de produção de leite e de matéria gorda, pelos períodos de lactações, quem pode agora dizer de que temos uma grande raça tropical de dupla aptidão? Esses dados são bons até mesmo para raças leiteiras tradicionais, como Jersey, Guernsey ou Airshire. Eu já tenho dois touros com a minha marca em Centrais de Inseminação. O primeiro foi ALBERTO TROZ JP, que vendi à Secretaria de Agricultura do Estado de Pernambuco que têm sêmen do mesmo à venda (em

Esta é JUSSARA-J.P., LE, que em 334 dias produziu 4.188 kg de leite, com 5,75% de matéria gorda.



próprio já comprei) pai de algumas das vacas acima relacionadas, como FALUA JP. O outro é NAMBO JP. que possui 15 irmãs com mais de 9 kg por dia na primeira cria, e cujo sêmen está sendo vendido pela TOURAMPO-LA, de Lagedão, Bahia. Criadores inteligentes só compram Guzerá ou Gir de alta linhagem Leiteira, em fazendas modernas, que submetem seus animais a controle leiteiro oficial. O "olhômetro" fo ficando cada vez mais para uso dos tolos que ainda não sabem que é

baixa ou nula a correlação entre aparência e ganho de peso ou produção de leite.

Por outro lado "selecionadores" subdesenvolvidos que ainda perdem tempo com formato de orelhas ou direção dos chifres, com perfil craniano ou cor da vassoura do rabo, cada vez mais estão encontrando menos tolos, cada vez mais criam para si mesmos, e para ganhar um ou outro troféu enganador de Grande Campeão da Raça, de Reservado disto ou daquilo. No ano

passado foram inseminados, mais de UM MILHÃO de vacas no Brasil. E agora mais do que nunca tem que haver uma distinção.

O Estado da Paraíba que já possuía excelentes plantéis da raça GUZERÁ, agora acaba de receber um famoso plantel que pertencia ao criador João Carlos Burgues de Abreu, recentemente falecido.

O comprador foi o Dr. José Tavares de Mello, Fazenda N. Senhora Aparecida - Município de Gurinhém - Paraíba.

Do grande rebanho restaram apenas 25 fêmeas que iam para a Venezuela e o fabuloso touro TRIGUEIRO-J.A. filho da recordista mundial da raça, POTINGA-JA. que em 365 produziu 5.672 kg de leite. Estas novilhas e este touro foram adquiridos pela SIAGRO-RIO, uma empresa vinculada à Secretaria de Estado de Agricultura do Rio de Janeiro, que terão seu trabalho de seleção continuado na Fazenda Experimental de Italva.

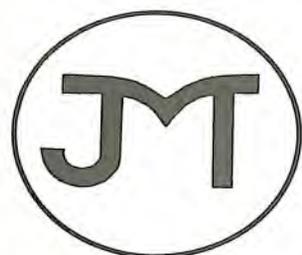
É bom que grandes criadores da Paraíba, estejam criando Guzerá, pois esta é sem dúvida a raça mais indicada para o cálido Nordeste brasileiro.

### AS DEZ MAIS

PRODUTORA	IDADE	ORDE-NHAS	DIAS	LEITE	MG	%
POTINGA-JA. . . . .	9-0	2x	365	5.672	322,8	5,69
LÂMINA DA INDIANA(JP) LM	14-2	3x	365	5.096	230,4	4,52
FALUA JP LM . . . . .	8-10	2x	318	4.795	255,7	5,33
IMPETUOSA JP LM . . . . .	6-00	3x	344	4.730	235,7	4,98
INGLATERRA JA . . . . .	10-9	2x	365	4.716	239,3	5,07
ESPONJA JP. LM . . . . .	9-6	2x	365	4.518	255,5	5,65
PRAIA-JA . . . . .	8-7	2x	336	4.413	204,0	4,62
PROVÍNCIA JA . . . . .	8-9	2x	362	4.329	251,2	5,80
HIPÓTESE JP. LM . . . . .	8-0	2x	336	4.217	232,7	5,51
JUSSARA JP. LE . . . . .	6-11	3x	334	4.188	141,1	5,75
MÉDIAS. . . . .	9-6	2,3x	349	4.667	246,8	5,29

FONTE: Serviço de Controle Leiteiro da ABC.

(Dados fornecidos pelo insigne autor)



Rua Barão do Triunfo, 400  
Fones: (083) 221.4870/221.4921  
58.000 - JOÃO PESSOA - PB

Rebanho de CEM matrizes PO, com origem nas marcas OM, CP e Fazenda Charqueada, em regime de Inseminação Artificial e Monta Natural.



## fazenda PEDRA D'ÁGUA

JAIRO ALVES MONTEIRO  
MULUNGU - Paraíba



POSTO DE VENDAS  
em João Pessoa,  
na BR-101.

# SUGESTÃO PARA O NELORE DO FUTURO

(Contribuição ao estudo da nossa Pecuária de  
Corte Pesquisa em rebanho da raça Nelore)

SANTO LUNARDELLI, considerado por muitos técnicos como uma espécie de hegege, não aceita certas imposições dos organismos oficiais e tampouco da ABCZ. Segundo ele, a letargia que domina aqueles que deveriam orientar a agropecuária é a grande responsável pelo impasse atual. Acha que devemos corrigir o passado e começar tudo de novo, antes que o Zebu, já um patrimônio nacional, venha a se perder definitivamente. Isso porque, salienta, não temos no Brasil, nenhum geneticista que realmente conheça o grande gado de origem oriental, o que tem desvirtuado nossa pecuária.



*O incansável batalhador sempre emitiu sua opinião sobre as incongruências da Pecuária Nacional, principalmente no tocante à ausência de sensatez plena do domínio da Genética. Agora, cansado de pregar às paredes, o autor realizou a pesquisa que tanto solicitara. Ela aqui está, na íntegra, passo a passo, servindo de exemplo para todos os que acham que falta ainda um longo caminho a percorrer.*

As dificuldades que estamos enfrentando decorrem do processo de desenvolvimento que segundo Delfim Neto, não se consegue tranquilamente. É doloroso e provoca alterações sociais nas posições de cada um de nós; quem corre fica onde está e quem fica parado será atropelado. A pecuária de corte está sendo atropelada porque parou no tempo à espera de uma renovação doutrinária; é chegado o momento da FAESP empunhar a bandeira desta mensagem zootécnica.

O bovino tem passado, ao longo de nossa história, por diferentes estágios de utilização, conforme o grau de desenvolvimento econômico alcançado. Assim, no Brasil-colônia a primeira função atribuída foi a tração, no transporte pesado em todos os serviços ligados ao campo.

Aos poucos o boi de sangue europeu, paralelamente ao crescimento da população, passou a desempenhar outra tarefa de cunho social, fornecendo leite e seus derivados na alimentação diária.

A carne bovina, da maneira que é encarada hoje, é fruto do progresso mecânico, da invenção do arame farpado, da refrigeração, do transporte marítimo.

Com o advento do zebu, compreende-se o motivo pelo qual a raça de mais fácil difusão ter sido a Gir, por sua docilidade e atendimento à dupla finalidade protéica. Por isso, o leite tem raízes mais profundas em nossa formação, desempenhando do ponto de vista social, papel mais importante do que a carne.

A criação do bovino específico para a produção de carne surgiu com o desenvolvimento da pecuária em São Paulo, contrariando a evolução natural do progresso humano.

É preciso entender que estamos co-

lhendo os frutos de um clima revolucionário, implantado em 1930 cuja filosofia de governo perfilou na década de cinquenta e ganhou força em sessenta e quatro que é: a industrialização do País.

A revolução industrial do século XVIII, na Inglaterra, propiciou condições de elevação do poder aquisitivo, capaz de compensar os custos de produção de uma mercadoria de melhor qualidade.

Na bovinocultura, a raça Nelore é um dos resultados dessa conjuntura, distinguindo-se das demais, na produção de carne porque não tem habilidade leiteira. É a raça com tendência à especialização em condições tropicais. Ela foi, portanto, uma imposição de uma série de circunstâncias dentre as quais cabe lembrar, a infra-estrutura apresentada por São Paulo, mais aparelhada para atender as etapas fundamentais da bovinocultura racional que são: a alimentar, sanitária e do melhoramento. Com isso vários conceitos foram introduzidos entre nós, como sejam: pastagem cultivada, manejo, rotação, consorciação, carne por área.

No plano sanitário, a divulgação da necessidade do colostro, do cuidado com o umbigo do bezerro, vacinação contra o carbúnculo, a brucelose, a vacina tri-valente anti-afetosa de quatro em quatro meses, é um acervo tecnológico que a pecuária do Brasil Central deve a São Paulo.

A terceira etapa, a do melhoramento animal é uma necessidade com vista no seu aprimoramento, à semelhança do que aconteceu em outras partes do mundo.

Será a industrialização brasileira uma realidade palpável com reflexos auspiciosos, também para nós ou continuaremos indefinidamente a enxergar o progresso como figura de retórica?

Enquanto essa realidade não chega, cuidemos de apontar as razões do atraso que nos infelicitam.

O mérito que quindou o zebu às culminâncias de que faz jus, reduz-se à sua inata rusticidade ou capacidade de sobreviver e reproduzir-se em ambiente desfavorável, dos campos e cerrados.

Este caráter comprovado no passado, bastou para que a um tempo em que as leis da hereditariedade não eram conhecidas, fossem criados padrões raciais dos agrupamentos: Gir, Nelore e Guzerá. Tiveram, sem dúvida, o merecimento de ordenar os caracteres raciais durante o espaço de tempo que do bovino pouco era exigido. Naturalmente rústico, prestando-se à mestiçagem com o gado europeu na produção de leite, o registro genealógico foi oficializado, determinando como deve ser o animal do ponto de vista subjetivo.

Os sinais morfológicos aceitos em convenção, não correspondem ao patrimônio hereditário da descendência; o fenótipo do indivíduo não é a expressão do genótipo do rebanho.

A biologia veio, então, demonstrar que a potencialidade do zebu, não tolera sanções convencionais que só contribuíram para enfraquecer a classe, dividindo a atividade em dois grupos de criadores: gado fino e gado de corte. Ora, a raça Nelore tem na produção de carne a expressão de sua vocação natural e não se compreende essa divisão de conceito, injusto e próprio da Casa Grande e Senzala.

Diante disso é preciso inovar!

Já em 1945 João Barisson Vilares em artigo publicado na antiga Revista da Sociedade Rural Brasileira e Revista dos Criadores: "Contribuição para o estudo da Raça Nelore", tendo como subtítulo: Nelores de pele preta e Nelores de Pele Cremosa, denunciava o

preconceito, que peço vênha para re-  
produzir as palavras finais do referido  
trabalho:

“Os Nelores de pele preta e os Nelores de pele cremosa vêm adquirindo considerável importância zootécnica no Brasil por várias razões. As entidades de registro genealógico da raça Nelore, de certo tempo a esta parte, deliberaram suspender a inscrição nos livros de registros genealógicos dos espécimes de pele cremosa. De outro lado, todos sabem que não há criador da raça Nelore que não possua boa percentagem de indivíduos de pele cremosa, cujos machos são anualmente postos em plano secundário. Além disso, os criadores estão se negando a adquirir os Nelores de pele cremosa que então se desvalorizam, muito embora, às vezes, tenham raras qualidades econômicas. Para esse estado de coisas não se tem dado outra explicação a não ser a simples sentença de que eles possuem a pele clara. É preciso que os Nelores cremosos sejam portadores de graves defeitos econômicos para justificar as medidas postas contra o seu aproveitamento. Existirão esses defeitos? Quais serão eles?”

Em uma reunião de técnicos e criadores durante a Exposição Nacional de 1942, ficou determinado que os técnicos deveriam realizar estudos de diversas ordens, a fim de ditar diretrizes orientadoras sobre esta questão. Só estudos experimentais poderão trazer luzes, seja contribuindo para revigorar as atuais medidas de rigor, seja para pedir uma retificação à noções falsas. O valor dos Nelores de pele cremosa, o seu número, as suas qualidades econômicas, os esforços dos criadores e tudo o mais, não permitem uma exclusão, sem estudos, sem dados científicos porque seria enorme a nossa responsabilidade diante da pecuária Nacional.

O que foi proposto por técnicos e criadores em 1942 e não efetivado, eu senti, ao iniciar a criação do Nelore, na década de cinqüenta. O touro “Senador” escolhido dentre cinqüenta, para a característica vitalidade da descendência e a aplicação da reprodução mecânica, na justa medida, a I.A. foram os dois recursos técnicos que possibilitaram a abertura da picada, na selva zootécnica em que se debate a nossa pecuária de corte.

É esta a contribuição que trago à apreciação dos companheiros para que se capacitem da gravidade de nossa situação em termos técnicos e científicos. A zootecnia tropical precisa ser reformulada. A pesquisa não é feita no Brasil, porque desejamos estar de acordo com os padrões internacionais e como isto é impossível, não se faz nada de objetivo. Entretanto, o zebu é um repositório inesgotável de estudo cujas falhas e erros cometidos, preci-

sam ser corrigidos, sem demora.

Neste sentido, concito os estudantes de agronomia, veterinária e zootecnia para a melhor forma de iniciação ao estudo da genética, ciência indispensável ao próximo estágio dessa pecuária em extinção. O marco inicial é o exame da pelagem; com isto a aridez da genética teórica desaparece.

Um programa de trabalho simples e objetivo, consiste no relacionamento do pelame com os respectivos faneros que são os sinais que compõem o cor-

po do animal, conferindo-lhe a individualidade. Isto foi feito com novilhas de dois anos de idade, ao serem postas na reprodução. Depois de vinte e quatro meses de exame mensal e compilados os dados, o resultado foi o seguinte:

Em 1.461 fêmeas arroladas, 1.080 apresentaram-se de cor branco leite, 301 de tonalidade cinza e 80, conhecidas pela denominação de pintado, malhado ou nuvem, com os respectivos faneros, assim distribuídos:

	PELAGEM —	BRANCO LEITE			CINZA (1)		PINTADO (2)	
		preto	308	279	61			
Facinho	Lambida	leve	336	12	14			
		média	194	2	0			
		acentuada	126	2	1			
		marmorizada	112	7	5			
Cílios		preto	232	288	67			
		grisalho	821	13	14			
		branco	21	0	0			
Orelhas		debruada	7	261	53			
		lisa	1.070	40	27			
Períneo		preto	12	266	79			
		pintado	46	9	1			
		rôseo	1.021	26	0			
Anus		preto	1.039	300				
		pintado	5	2				
		rôseo	36	1				
Vulva		preta	324	293	66			
		1/2 preta	337	5	4			
		rôsea	420	3	11			
Vassoura		preta	1.018	295	77			
		grisalha	54	4	1			
		branca	3	1	2			
		cotô	4	1	0			
		ruiva	2	0	0			
Cascos		preto	1.080	301	80			
	Despigmentação		32 = 2,9%	11 = 3,6%	13 = 16%			

(1) - Aqui foi encontrado o primeiro sinal positivo de coerência morfológica, a correlação entre a cor cinza de pelo e os demais faneros.

(2) O sinal marcante nesta pelagem é a despigmentação que é considerada um defeito. Qual o inconveniente?

O passo seguinte foi a tomada de peso e temperatura retal em quatro animais machos de cada pelagem, em

regime de pasto exclusivo em pesadas mensais pelo espaço de um ano.

PELAGEM — BRANCO LEITE								
Nasc.em	18.11.59		18.11.59		20.11.59		30.11.59	
Machos-n.º	15		16		17		21	
	Kg.	°C	Kg.	°C	Kg.	°C	Kg.	°C
Maio-1961	274	39,7	273	39,5	316	40,1	214	39,6
Junho	268	40,1	268	39,7	309	39,7	210	39,9
Julho	265	41,0	262	40,6	306	41,0	204	40,3
Agosto	251	39,6	244	39,3	300	39,3	191	39,7
Setembro	246	38,8	238	39,6	295	39,6	190	39,6
Outubro	250	40,0	250	40,1	312	40,0	200	40,1
Novembro	287	40,0	292	39,7	350	39,7	225	40,1
Dezembro	303		316		370		245	
Janeiro-1962	323	40,3	325	40,1	391	40,0	250	40,1
Fevereiro	344	39,8	340	40,1	410	39,5	272	39,6
Março	350	39,5	350	39,5	409	39,0	282	39,4
Abril	381	38,7	394	39,1	450	38,4	302	38,7
Ganho de peso, médio = 112,5 Kg								
Temperatura retal, média = 39,7 °C.								

### PELAGEM — CINZA

Nasc.em . . . . .	01.11.59		13.11.59		18.11.59		24.11.59	
Machos-n. <sup>o</sup> . . . . .	31		32		33		35	
	Kg.	°C.	Kg.	°C.	Kg.	°C.	Kg.	°C.
Maio-1961 . . . . .	363	39,7	313	39,7	265	39,9	272	40,4
Junho . . . . .	355	40,3	306	39,6	263	39,8	265	40,2
Julho . . . . .	353	40,6	297	40,1	259	40,6	260	40,2
Agosto . . . . .	341	39,9	278	39,2	247	39,6	251	40,5
Setembro . . . . .	326	39,7	280	39,1	23,	39,8	241	39,1
Outubro . . . . .	339	40,1	291	39,8	250	39,8	254	40,6
Novembro . . . . .	390	39,9	332	39,5	275	39,6	287	40,0
Dezembro . . . . .	427		356		300		299	
Janeiro-1962 . . . . .	422	40,2	364	39,8	300	40,0	327	40,5
Fevereiro . . . . .	454	39,6	380	39,0	311	39,7	350	39,9
Março . . . . .	460	39,5	395	39,5	329	39,6	350	39,8
Abril . . . . .	490	39,3	430	38,3	355	38,9	387	39,3

Ganho de peso, médio = 112,2 Kg.

Temperatura retal, média = 39,6 °C.

### PELAGEM — PINTADO

Nasc.em . . . . .	29.09.59		23.11.59		03.12.59		09.12.59	
Machos-n. <sup>o</sup> . . . . .	824		849		861		862	
	Kg.	°C.	Kg.	°C.	Kg.	°C.	Kg.	°C.
Maio-1961 . . . . .	328	39,6	286	39,2	242	39,6	230	39,2
Junho . . . . .	325	39,2	278	40,3	237	40,0	232	39,9
Julho . . . . .	332	40,7	283	40,8	237	40,5	230	40,0
Agosto . . . . .	313	39,4	264	40,2	226	40,1	224	39,0
Setembro . . . . .	304	39,4	249	39,6	221	39,8		
Outubro . . . . .	320	40,0	277	40,3	236	40,6	M A	
Novembro . . . . .	353	39,4	300	40,2	257	39,9	O C	
Dezembro . . . . .	382		318		275		R I	
Janeiro-1962 . . . . .	390	39,7	338	40,2	290	39,6	R D	
Fevereiro . . . . .	412	39,2	357	39,9	308	39,8	E E	
Março . . . . .	418	38,9	366	39,9	323	39,5	U N	
Abril . . . . .	450	38,0	386	39,2	350	38,8	T A	

Ganho de peso, médio = 110 Kg.

Temperatura retal, média = 39,7 °C.

### PELAGEM — PELE ROSA

Nasc.em . . . . .	07.61		07.61		08.61		08.61	
Machos-n. <sup>o</sup> . . . . .	1		2		3		4	
	Kg.	°C.	Kg.	°C.	Kg.	°C.	Kg.	°C.
Maio-1962 . . . . .	133	39,5	194	39,4	207	39,7	207	39,5
Junho . . . . .	133	39,8	200	40,6	212	41,1	207	39,7
Julho . . . . .	140	39,9	200	40,5	226	40,7	218	39,8
Agosto . . . . .	143	38,4	211	39,6	223	39,6	216	39,1
Setembro . . . . .	158	39,5	227	39,6	243	39,8	237	39,4
Outubro . . . . .		39,8		39,7		39,7		39,4
Novembro . . . . .	195	39,6	257	39,8	280	39,7	271	39,6
Dezembro . . . . .	200	40,0	267	39,9	277	39,9	262	39,9
Janeiro-1963 . . . . .	222	39,6	300	39,5	320	39,9	286	39,9
Fevereiro . . . . .	231	40,5	320	39,5	330	39,9	300	39,4
Março . . . . .	253	39,2	310	39,1	344	39,5	325	39,7
Abril . . . . .	273	39,7	341	39,7	370	39,7	340	39,4

Ganho de peso, médio = 145 Kg.

Temperatura retal, média = 39,6 °C.

Não houve diferença na temperatura em relação às demais pelagens indicando que estava diante de um fato novo e experimental.

Dispondo nesta altura de dois índices: o primeiro, da correlação da pelagem cinza com os demais faneros negros; o segundo, a temperatura retal do pele rosa semelhante às demais variedades, contradizendo os conceitos admitidos a respeito. Esses dois índices passaram a dar sentido à seleção do rebanho Nelore, em duas variedades distintas.

As diferenças não são apenas morfológicas, mas também funcionais, patológicas e de comportamento psicológico. Essas diversidades é que caracterizam as raças na zootecnia clássica e aqui, ajustam-se para individualizar as variedades da raça Nelore. O fato que vai dar o que pensar é: ao contrário do que se apregoa, a pele preta não tem as virtudes que a ela se atribui e a pele rosa não tem as desvantagens preconcebidas.

A termo-dinâmica e a bio-energética não são ciências novas e sempre que se pretendeu estabelecer comparações entre o boi europeu e o boi de origem indiana, na tolerância ao calor, a temperatura retal foi o índice tomado para a averiguação. Este artifício não é suficiente, hoje, para determinar capacidade distintas para a mesma espécie ou raça com variedades heterogêneas como é o caso da pele preta e pele rosa.

Assim, em dois lotes de vacas amojadas, dez para cada variedade, procurando correlacionar as temperaturas: retal, da pele e dos pelos

(Vide Quadro FÊMEAS AMOJADAS)

Houve uniformidade nos dados ponderais e na temperatura retal que serviram de comparação, no ano seguinte, usando o mesmo teste, para a pelagem pele rosa. Por isso essa variedade também conhecida por cremosa, pombo e na Índia por Kuleya, tendo sobre as demais a vantagem de não alterar a cor, do nascimento à fase adulta, mereceu atenção especial.

Houve diferença significativa, ao nível do pelo, inferior para o pele rosa em relação ao pele preta, que agora não é mais cinza, senão vermelho. A reprodução do igual com igual a partir do cinza conduz, fatalmente ao vermelho, denunciando mais uma vez a incongruência das exigências e marginalização do padrão oficial.

## FÊMEAS AMOJADAS

Variedade - Pele Rosa (pele branco)			Variedade - Pele Preta (pele vermelho)				
No.	°C.retal	°C.pele	°C.pelo	No.	°C.retal	°C.pele	°C.pelo
6349-A	39,0	35,0	34,0	7034-A	39,0	35,0	34,0
2658-A	38,8	34,0	32,8	7264-A	38,9	34,9	33,2
6272-A	39,0	34,0	33,2	6810-A	38,9	35,2	34,0
6628-A	39,0	35,0	31,0	1613-A	39,0	35,0	34,2
6251-A	39,9	33,0	32,0	2346-A	39,0	35,0	34,2
6966-A	38,9	35,0	34,2	2825-A	39,0	36,4	36,1
3978-A	38,9	34,0	32,2	1447-P	39,0	35,2	34,9
6151-A	38,9	34,9	32,0	6218-A	39,1	34,4	35,9
226-A	39,0	35,0	33,8	6869-A	39,9	35,9	35,8
6598-A	39,0	36,0	33,2	48-PC	38,9	35,1	33,0
Soma:	390,4	345,9	328,4	Soma:	390,7	352,1	345,3
Média:	39,04	34,50	32,80	Média:	39,07	35,21	34,50

Umidade relativa do ar = 71,7%  
Temperatura ambiente = 19° C.

A indústria, do boi só não aproveita o berro, no entanto a forma extrativa só consegue enxergar a carne, não levando em conta que este produto é o elo terminal de uma série de reações orgânicas indispensável à sobrevivência e procriação do animal.

Ao criador é preciso esclarecer que a pele desempenha um importante papel cujas funções, são:

- proteção
- sensação
- excreção
- absorção
- metabolismo
- termo-reguladora

Não cabe aqui a análise de cada um desses itens, bastando citar que a função termo-reguladora é a que capacita o zebu a viver e procriar, em condições de clima quente, traduzida em mais carne por área, a longo prazo. Mais carne por área é a maneira mais econômica, sem o comprometimento do boi europeu. Para tanto o conforto existencial é condição imprescindível e a perda de calor dos bovinos faz-se naturalmente, pelo pelame desde que saibamos encontrar variedades com maior capacitação funcional na espécie zebuína. A pele é o órgão que estabelece o contato do animal com o meio ambiente, através de derivações orgânicas: as glândulas sebáceas, sudoríparas e os pelos. A espessura da pele, o comprimento dos pelos e a quantidade de glândulas sudoríparas é diversa comparando-se o zebu ao boi europeu. O engano cometido na apreciação e valorização da cor da epiderme, exaltando a pele preta para o bovino que vive no trópico, não tem neste trabalho a sua comprovação.

A cor da pele tem importância, na tolerância ao calor, quando for glabra ou desprovida de pelos como é o caso do homem, hipopótomo, elefante, búfalo, mas de nenhum significado quando o animal tem a pele

revestida de pelos, principalmente o zebu. Neste animal, o importante é a cor do pelo e já por isso o Nelore é bom, mas para se tornar melhor, falta-lhe a pureza genética em que a cor do pelo deve acompanhar a da pele, uma vez que um dependendo do outro, como ficou demonstrado no quadro anterior.

Ali, documentou-se tão somente as diferenças que existem relacionadas à cor do pelo cujo estudo não pode ser postergado, lembrando ainda que a perda de calor corporal pode realizar-se pelas vias de dissipação conhecidas que são:

- Radiação
- Convexão
- Condução
- Evaporação.

Só este aspecto da questão vai possibilitar a independência zootécnica, ciência que vive atrelada ao pensamento europeu e por uma inércia nacional, nos acomodamos ao imediato.

Esta reunião da Comissão Técnica da Pecuária de Corte da FAESP estabelece, desta maneira, um marco renovador no equacionamento de um problema científico.

Este novo conceito visa a modificar tudo aquilo que supõe conhecer-se do boi de giba e a climatologia zootécnica aí está assessorada pela ecologia na comprovação desta verdade. O absurdo estabelecido em lei, determinando como ideal na raça Nelore o pelo branco em pele preta, não tem mais a sustentação científica e portanto não pode mais ter o apoio oficial.

Para aqueles que consideram o quilô como um fim seletivo não podia deixar de constar nesta série dialética de valores zootécnicos, o ganho de peso.

Chegou-se ao melhor, ao espécime de maior valor econômico, não buscando esta qualidade no indivíduo,

porém no rebanho. O mérito individual existiu, como ponto de partida, visando o interesse coletivo, a vitalidade na descendência; daí para a frente buscou-se uma qualidade estranha à balança e neste caso foi denunciada pelo termômetro.

Esta dualidade de enfoque põe em cheque a zootecnia clássica, colocando a genética na berlinda: **esta sentença que a seleção fenotípica é falsa porque os caracteres morfológicos não têm relação com a produção.** Isto pode ser verdadeiro para o gado europeu que já sofreu um trabalho seletivo, mas não se aplica ao zebu nas condições de heterose em que se acha.

Nesta verificação o caráter pele rosa, de natureza morfológica, revelou-se mais econômico do que o pele preta. Por exemplo, vinte machos pele rosa e vinte pele preta, emasculados, da mesma idade e linhagem, tratados em confinamento, ofereceram o resultado seguinte:

(Vide Quadros Desenvolvimento Ponderal em Confinamento, Variedades Pele Preta e Pele Rosa).

## O NELORE DO FUTURO

No pasto esses animais teriam oferecido melhor desempenho em ganho de peso, em primeiro lugar por causa dos meses em que realizado o teste, impróprio para o confinamento. Não importa. O que é válido é a diferença, comprovando a tese que está sendo defendida. **É um teste rico de ensinamentos para quem não tem compromisso com o passado.**

Configurado, dessa maneira, o cenário em que se debate, um dos aspectos da produção de carne bovina cabe acrescentar que a dificuldade transcende às limitações impostas ao zebu. É que ainda vivemos sob a égide de uma alienação cultural cujos parâmetros não se ajustam à nossa realidade agro-pecuária. O boi europeu que foi indispensável como força de tração no período colonial e ainda é útil, na mestiçagem para a produção de leite, torna-se prejudicial, na pro-





# JOTAMACHADO ENGENHARIA LTDA

FAZENDA DIAMANTE — FEIRA DE SANTANA — BAHIA



**NELORE**  
puro de origem  
das melhores  
linhagens importadas  
da Índia desde  
1906

**JM/2450 FAILAN DO  
DIAMANTE**  
RG — B. 4474  
880 Kg aos 39 meses

**TAJ-MAHAL (Importado)**

**JM/1387 JURUJUBA DO  
DIAMANTE (OM)**

- **CAMPEÃO TOURO JOVEM e**
- **GRANDE CAMPEÃO DA RAÇA**

**Itapetinga — Bahia — março/1978**

**MANTEMOS A NOSSA  
TRADIÇÃO IDENTIFI-  
DA COM A EVOLUÇÃO  
ECONÔMICA DO NELO-  
RE NO BRASIL.**

**SALVADOR, BA**  
CEP 40.000

**OCTÁVIO MACHADO NETO**  
Avenida Manoel Dias da Silva, 2269 — Pituba  
Telefones: (071) 248.0340/248.0997/248.0775

MARCA  
**JR**

## Um lastro bem embasado

A análise da base sobre a qual se firma um plantel ainda é uma das melhores maneiras de se medir sua qualidade.

O lastro Guzerá da Fazenda JOBERLEI está embasado nas tradicionais marcas JA, CP, MF e

Agora você entende porque o Rebanho JOBERLEI é o que é.

TODOS OS PRODUTOS  
DA JOBERLEI ESTÃO  
SOB O CONTROLE DE  
DESENVOLVIMENTO  
FONDERAL - Conselho  
MA/ABCZ/SRP



ALLAH JR-0023  
7927

KACHARI SUMERI I (IMP)  
1874

GEMADA LAJÃO - 230  
A - 9852

o Reserv. Campeão Senior, Expo Paraibana  
1977.



CONHAQUE JR 0139  
KING BIRUTA SL 3  
7917  
FICADA MF  
B - 3546  
o Campão Bezerra, Expo Paraibana 1977.



CARAVELA JR - 0122  
CLANDESTINO JA  
1093  
MIMOSA KACHARI LAJÃO  
C - 2956



CARLTON JR - 0145  
KING BIRUTA SL - 3  
7917  
MACAÚBA DHELIPE LAJÃO  
C - 2959  
o Reserv. Campeão Bezerra, Expo Paraibana 1977.



DALILA JR - 0161  
ALLAH JR  
7927  
IRLANESA  
B - 2008

# FAZENDA JOBERLEI

JOÃO ROBERTO LEITE — CAMPINA GRANDE — PARAÍBA

MARCA

JR



**KING BIRUTA SL-3  
7917**

Notável neto de Kilimanjaro (IMP) com 1.040 quilos, chefe do rebanho da JOBERLEI.

- o Campeão Senior, Expo Paraibana 1977.
- o Campeão Júnior, Uberaba 1975.

O Melhor Expositor da Raça, em numero de pontos, na EXPO-PARAIBANA — 1977.



**BRASA JR - 0078  
D. 754**

**CANGERÉ - 330  
3641**

**SEREIA - JA  
C - 2952**

o Campeão Júnior, Expo Paraibana 1977  
o 2o. Prêmio, Uberaba, 1977.

**KING BIRUTA SL - 3  
7917**

**COLOMBINA JR - 0089**

**MAGNATA KACHARI LAJÃO  
C - 2960**

o Reserv. Campeão Júnior, Expo Paraibana, 1977.



## ESCRITÓRIOS

Rua Dr. José Luis da Silveira Barros, 225, Apto. 201. Fone: (081) 231.1965 - Recife — PE.  
Hotel Ouro Branco, Apto. 401. Fone: (083) 321.3535. Campina Grande - Paraíba.

# CIDAGRO

## UM ENSAIO DE GIGANTE EM DIREÇÃO AO FUTURO

Uma empresa de prestação de serviços, destinada a aproximar os produtores aos órgãos oficiais, para que não lhes faltem, no momento oportuno, insumos, máquinas e equipamentos indispensáveis ao aumento da produção e produtividade, funcionando também como órgão regulador de preços e orientando a comercialização — à primeira vista, não passa de um ensaio de milagre. A Cidagro-PB, no entanto, ultrapassou as metas e, mesmo com um lucro mínimo, pode se considerar vitoriosa, nestes últimos anos, conseguindo extrair a apatia que imperava em todo o Estado, no setor agropecuário. Hoje, o otimismo campeia livre e muitos produtores utilizam os serviços da empresa, num sinal evidente de que o futuro será mais risonho.

Tendo se capitalizado sobremaneira, na atual gestão, a Cidagro inaugurou 20 novas agências em diversas regiões, todas em prédios próprios, estando com estabelecimentos em mais de 40% dos municípios paraibanos, prevendo-se um fácil atendimento a todo o Estado.



O Dr. Antônio Ronaldo de Alencar Fernandes, Presidente da Cidagro-PB, o responsável pela notável dinamização da empresa.

Nos dois últimos anos as máquinas pesadas da Cidagro construíram 180 açudes e iniciaram a perfuração de poços, estando seis unidades em fase final de realização. São os tratores a grande força do processo agropecuário e 53 novas unidades foram incorporadas totalizando 93 tratores de pneus, além de mais 50 tratores de esteira, adquiridos nos últimos anos.

Atividades como: implantação de mecanismo para comercialização de batatinha no Brejo Paraibano, racionalização das atividades de revenda de insumos e material agrícola, instalação e funcionamento da nova oficina central, construção do novo escritório



Os pequenos produtores podem plantar, com financiamento obtido junto a Cidagro, ou então poderão vender sua produção depois da colheita, a um preço justo, constituindo essa operação um grande passo rumo ao bem-estar social

central em Bayeux e implantação de uma nova estrutura operacional na empresa mostram que a Cidagro tem os olhos no futuro e, passo a passo, vai promovendo o trabalho no setor primário.

### COMPRANDO A PRODUÇÃO

O grande destaque, no entanto, que merece ser dado ao trabalho da Cidagro-PB refere-se à implantação do Programa de Comercialização, onde a empresa compra a produção, diretamente ao produtor, assegurando o aumento do trabalho e a certeza de um preço justo. O Plano visa beneficiar apenas os produtores de Baixa-Renda, como um fator de correção social.

A Paraíba foi pioneira e palco de ensaio para todo o Brasil, estando hoje com dois projetos em plena operação: 1) Em convênio com o INAN, COBAL e Secretaria de Agricultura e Abastecimento, atingindo as regiões do Brejo, Curimatá, indo até o Piranhas, tendo completado um ano com os seguintes resultados: compra de 3.000 toneladas de alimentos, no valor de Cr\$ 8.465.553,00 — principalmente feijão mulatinho, feijão macassar, farinha e milho. Um total de 3.513 produtores foram atendidos, sendo que 80% deles cultivaram uma área de 0 a 5 hectares, mostrando o grande alcance social do Programa.

O 2o. projeto está atuando na região da Serra de Teixeira, com recursos do Polonordeste fornecendo crédito antecipado para a produção ou então adquirindo a mesma, após as safras.

Esse plano consumiu recursos de Cr\$ 4.326.000,00 atendendo 776 produtores, com uma 1a. parcela de crédito no valor de Cr\$ 4.276,76 para cada um e uma 2a. parcela de Cr\$ 3.106,50. No entanto a 2a. parcela foi pleiteada por apenas 338 agricultores. A área financiada foi de 2,39 ha. para cada produtor e aqueles que não possuem terra própria receberam um financiamento suficiente para cultivar 2,47 ha.

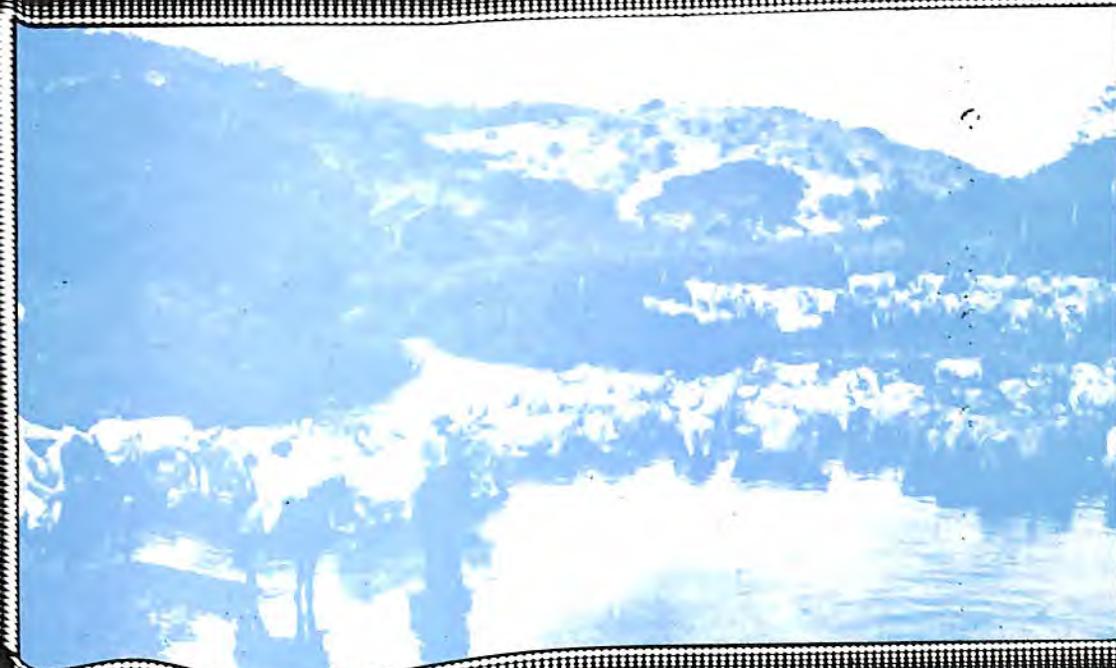
Mais de 400 produtores já entregaram sua produção, totalizando 2.761 sacos de feijão macassar. O sucesso do Programa deve-se à perfeita ação conjunta da Emater que, através de um trabalho educativo (que visa formar as populações no sentido de virem a constituir futuras cooperativas) e assistência técnica com o objetivo de transferir tecnologia simplificada tais como: escolha de sementes, noções de espaçamento e adubação, etc.

A grande importância desse trabalho pioneiro é que ele atende às populações mais carentes, aquelas que estão praticamente impossibilitadas de receber benefícios oficiais, e que — no sistema tradicional — seriam cada vez mais marginalizadas no processo desenvolvimentista nacional.

A Paraíba, vitoriosa em seu pioneirismo, vê sua experiência ser repetida, com sucesso e orgulho no Ceará, Rio Grande do Norte e Pernambuco, o que representa um grande passo no sentido de fortalecer uma política agrícola de grande alcance para o pequeno produtor.

# UMA HISTORIA DE QUASE 100 ANOS

JA



O rebanho JA, no início do século, em Cantagalo, Rio de Janeiro.



INDÍGENA, 4.517 kg.



ITUIUTABA, 4.690 kg.



INGLATERRA, 4.715 kg de leite.



POTINGA, bicampeã mundial, 5.672 kg em uma lactação.



FRANCESA, 4.450 kg. Campeã mundial em peso de fêmea guzera: 85 kg.



PRAIA, 4.414 kg.



FONTE NOVA, 4.209 kg, na 1ª. cria.



COLATINA, 4.004 kg.

**LEITE**  
25,2 kg em um dia,  
**POTINGA-JA**

---

**GORDURA**  
14,6% em uma ordenha,  
**FAISCA-JA.**

O Melhor Zebu Leiteiro do **MUNDO**

A história da mais antiga seleção de gado zebu do mundo começou em 1895, ocasião em que João de Abreu Júnior era marchante e fomecedor de gado ao matadouro de Niterói. Ao realizar uma compra ficou entusiasmado e surpreendido quando, juntamente com o lote, recebeu uma junta de bois de chifres em forma de lira e de cor fumaça, além de diversas vacas do mesmo tipo. Os bois pesaram, depois de mortos, mais de 30 arrobas, cada um, e as vacas produziram tanto leite que ele, empolgado, guardou-as para si. Mais tarde, comprou na Fazenda Chave do Lontra um touro e algumas vacas iguais e, daí para a frente, passou a adquirir somente animais puros, de uns e outros, sem se envolver com a mestiçagem que estava tão em voga, naquela época. O nome da raça ele não sabia, pois o motivo da escolha foi determinado pelo peso e quantidade de leite. Depois ficou sabendo que os animais eram da raça "Kankrej", logo denominada Guzerat, que veio resultar no moderno nome GUZERÁ.



O Cel. JOÃO DE ABREU JUNIOR, — sem ele, não haveria Guzerá no Brasil, nos dias de hoje.

*"O Kankrej vive entre o solo arenoso ou rochoso, ou de laterite, que se fende nas secas. Vigoroso, de cascos duros, cabeça alta e olhar alerta, em permanente atitude de guarda, orelhas grandes e muito móveis, atuando como antenas, chanfro curto, narinas largas, focinho levantado e chifres fortes, compleição toda formada pela seleção natural e pelo exercício funcional, durante milênios, para a resistência ao meio hostil e aos ferozes animais."*

Plenamente convencido da importância da raça, o Coronel João de Abreu concluiu que os animais com chifre em forma de lira eram os que apresentavam maior porte, maior produção de carne e maior tendência leiteira e, então, passou a selecioná-la, baseado apenas na análise da conformação da caixa, da capacidade leiteira e teor de gordura.

Em 1902, passou a usar touros importados diretamente da Índia, como GLADIADOR, SULTÃO, e um filho de importados, PAVILHÃO, acabou até ganhando música

em seu nome, tal era sua fama no início do século, por se tratar de animal com proporções nunca vistas.

A intenção era formar um rebanho leiteiro e manteigueiro do mais alto rendimento econômico e produtivo para a região inter-tropical e que fosse capaz de imprimir às demais raças uma grande resistência, além da capacidade para carne e leite.

Já em 1918, após comprovar que estava no caminho certo, providenciou uma importação especial, trazendo 17 fêmeas e os touros INDOSTÃO e CALICUT. Em 1921, em duas importações obteve 11 vacas, 3 novilhos e, em 1930, recebeu o touro TOGO e outras reses. À medida que ia introduzindo gado importado, João de Abreu Júnior ia eliminando o gado nacional, passando a ser um dos únicos criadores de "Kankrej" do Brasil.

Nas duas primeiras décadas do século XX verificou-se que o cruzamento com o Gyr e o Ongole resultava num animal de grandes proporções e longas orelhas. Isso provocou o abandono das raças puras e quase todo o gado foi utilizado para esses cruzamentos, restando apenas alguns poucos obstinados criadores. Depois de uma violenta pressão, somente o Coronel João de Abreu e um outro criador sustentavam animais de raça pura, pois estavam inteiramente satisfeitos com o rendimento e o progresso que notavam no rebanho.

*"João de Abreu Júnior foi o mais sacrificado criador brasileiro, por ter sido o mais incompreendido, fazendo a seleção para a produção do leite, que sempre muito pouco valeu, e lutando com a confusão estabelecida e consagrada, no padrão oficial da raça que criava, com um tipo de denominação inexistente na Índia. Não fosse a sua teimosia, que o fez suportar, sem desânimo, as maiores injustiças, o "Kankrej" há muito não existiria no Brasil. O Brasil deve-lhe, portanto, este inestimável serviço."*

Daí para a frente, a criação do GUZERÁ iria depender do lastro do persistente criador

*O Guzerá é manso e dócil, como PAVILHÃO-JA, com 1.050 kg, nessa foto de 1920. Esse animal teve até música popular em seu nome, tal era o sucesso que fazia.*



que manteve a linha, mesmo contra a opinião dos técnicos e criadores, por vários anos e — apesar dos sarcasmos com que frequentemente eram tratados os produtos de sua propriedade — foi acumulando prêmios em várias exposições, sempre mostrando os animais de grande porte, alto peso e alta produção de leite.

JOÃO CARLOS BURGUES DE ABREU (1907/1978), consolidou a marca JA.

Por volta de 1927, o zebu foi drasticamente impedido de entrar no recinto das Exposições de São Paulo, pois era considerado um gado selvagem e viria a estragar os plantéis finos do Estado. A luta desenca-deou-se, titânica, e o Coronel saiu vencedor: hoje, a pecuária paulista reconheceu o mérito do gado e tem o seu alicerce no zebu.



MANAAR-JA

A história continua e, em 1939, grande foi o espanto de todos os que superlotavam o recinto da Concurso Leiteiro da Exposição Nacional do Rio de Janeiro quando, munido de toda sua coragem, o Coronel entrou soberbamente levando duas fêmeas GUZERÁ-JA, colocando-as ao lado das tradicionais vacas leiteiras. Depois de muito riso e pilhérias, o público ficou abismado porque a marca JA obteve o primeiro lugar em teor de gordura, vencendo a célebre vaca Itaúna, da raça Guernsey que, alguns dias antes, havia sido a campeã de gordura em Leopoldina. A produção diária havia sido acima de 10 quilos, um grande sucesso para a pecuária nacional.

Em 1944, as vacas da Fazenda Itaoca produziam 12, 14 e 15 litros/dia, com um máximo de 8,5% de gordura em uma ordenha. Nessa época, Itaoca já era a recordista nacional de campeonatos e premiações com mais de 140 prêmios conquistados no Rio de Janeiro, São Paulo, Belo Horizonte, Petrópolis, Cordeiro e Uberaba.

O livro "Os Grandes Reprodutores Indígenos no Brasil", organizado em 1956 por André Weiss apresenta fotografias de 90 reprodutores campeões, sendo que 25 são propriedade JA, a saber: BATURITÉ, BEAU-GESTE, ESTUDANTE, FAROLITO, FLAMENGO, FORD, FRIBURGO, GITANO, GUAXUPÉ, ITABIRITO, LAHOR, LUMINOZO, MINEIRO, MONTE NEGRO, MONTE VERDE, PALÁCIO, PAVILHÃO, POLYDORO, RAJAH, ROMAN, SALANGO, TANGO, TARZAN, TOGO e UNIVERSAL.

Em 1956, 4 vacas foram apanhadas no pasto e apresentaram uma produção de 9 a 11 quilos por dia, sem preparo e sem verde, com um teor de gordura que atingiu até 11,0% em uma ordenha. Seria um merecimento? Não, pois em 1958, as vacas de Itaoca diante dos órgãos oficiais provaram que eram formidáveis e espantosas, com tão elevado teor de gordura. Os aparelhos de medição não eram suficientes para o trabalho, pois eram graduados para um máximo de 8% e quando TARTARUGA-JA atingiu o record mundial de 13,2% o Coronel não teve mais dúvidas: encomendou a fabricação, na Suíça, de butirômetros especiais para o gado JA.

Em 1964, João de Abreu apresentou o seu Quadro de Honra:

A evolução foi muito grande, até os dias de hoje, como indica o Quadro D, e naquela época as melhores fêmeas eram:

QUADRO B			
MELHORES EM LEITE, uma lactação		MELHORES EM GORDURA, uma ordenha	
PIONEIRA-JA	5.596 kg e 10,5%	TARTARUGA-JA	13,2% (LM)
IMPERATRIZ-JA	3.600 kg e 11,5% (LM)	ANITA-JA	12,0%
RESERVA-JA	3.574 kg e 7,3% (LM)	PEROLA-JA	12,0%
HORTALIÇA-JA	3.526 kg e 9,0% (LM)	DONZELA-JA	12,0%
CORÉIA-JA	3.573 kg e 9,2%	VITÓRIA-JA	12,0%
CHOLIPANA-JA	3.518 kg e 9,2%	IMPERATRIZ-JA	11,5% (LM)
MANAAR-JA	3.315 kg e 9,5%	CAMURÇA-JA	11,0%
MALUMBA-JA	3.324 kg e 9,7%	CINELÂNDIA-JA	11,0%
VALDEIA-JA	3.313 kg e 8,7%	PIONEIRA-JA	10,5%
ARAGUAIA-JA	3.040 kg e 7,8% (LM)	CORSARIA-JA	10,0%
		JARRA-JA	10,0%

Referente a uma ordenha.  
 Controle: Ministério da Agricultura e parte pela ABC.  
 (1 M) Inscrição no celebre Livro de Mérito da Associação Paulista dos Criadores.

O rebanho continuou evoluindo e o GUZERÁ-JA, mundialmente conhecido, em meados da década de 1970, apresentava sucessos absolutos, em leite e gordura, na história da pecuária do Zebu brasileiro:

Em quase 100 anos de seleção, a CONSANGUINIDADE somente trouxe benefícios para o rebanho, pois constitui um segredo que, bem orientado, traz resultados surpreendentes, iguais a uma máquina de somar, ou seja, se os animais apresentarem defeitos, eles irão se somando até extinguir o plantel. Mas, se o rebanho apresentar QUALIDADES, essas também irão se somando, fixando-se cada vez mais, dando margem a que um reprodutor transmita com maior precisão suas perfeições. O choque de sangue provocado por um GUZERÁ-JA é algo de fantástico, já comprovado em todo o Brasil e dezenas de países, no mundo inteiro. Além de outros exemplos, podemos citar GLADIADOR-JA, extracrdinário reprodutor, que é consanguíneo 11 vezes do touro LAHOR, importado da Índia, em 1918.

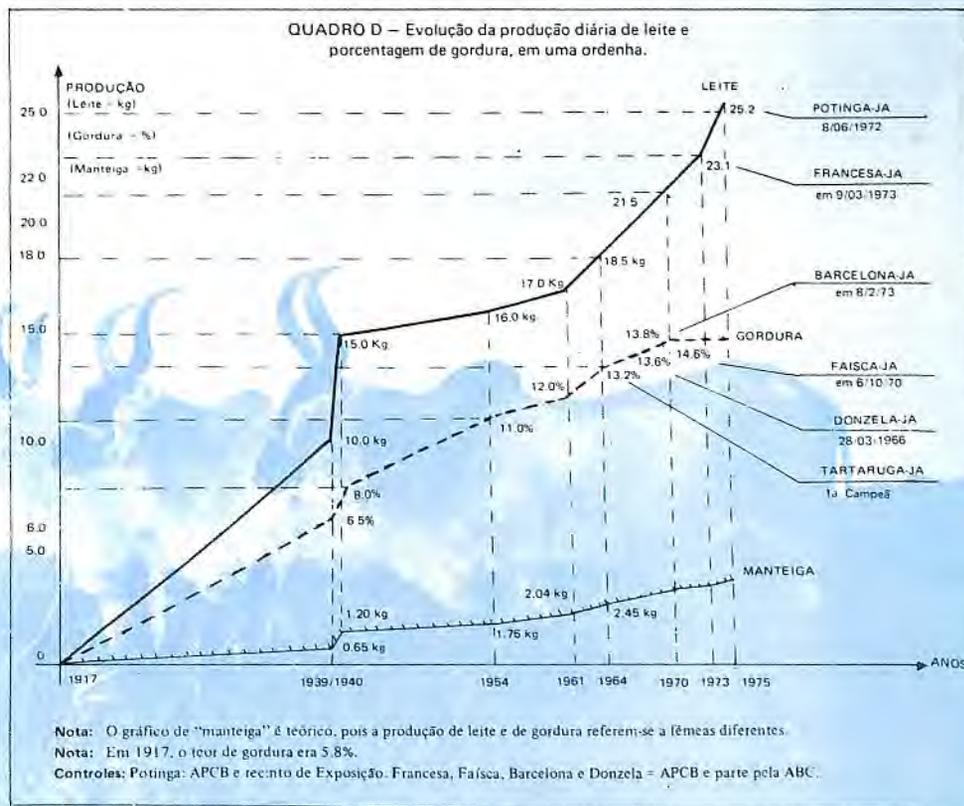
Os pedigrees do Guzerá-JA montam a 12 gerações de animais, isto é, até as primeiras importações da Índia. Assim, quando preenchidos completamente estendem-se a

mais de 1.200 ascendentes. O controle do GUZERÁ-JA é metucioso e a evolução pode ser medida, desde o início, através de rigorosa escrita que prova, incontestavelmente, a pureza, a melhoria leiteira e o ganho de produção, sem nenhum momento de vacilação, ou queda, como bem o mostra o quadro D, onde se vê, desde 1917, o controle de leite e teor de gordura, atingindo - HOJE - cifras impressionantes.



JOSÉ e ANA RITA TAVARES DE MELO, os atuais responsáveis pela orientação da marca JA e o dever histórico de levar adiante a mais antiga seleção de gado zebu

"O futuro estabelecerá um índice para o teor de gordura padrão e o leite será remunerado de acordo com esse índice, pois ele indica a qualidade do leite. Supondo que essa taxa venha a ser a média obtida com vacas holandesas, podemos afirmar que uma vaca GUZERÁ-JA pode obter um rendimento econômico similar às grandes vacas produtoras internacionais, devido ao teor de gordura, muitas vezes superior ao das demais raças."



QUADRO A QUADRO DE HONRA DE JOÃO DE ABREU - 1964

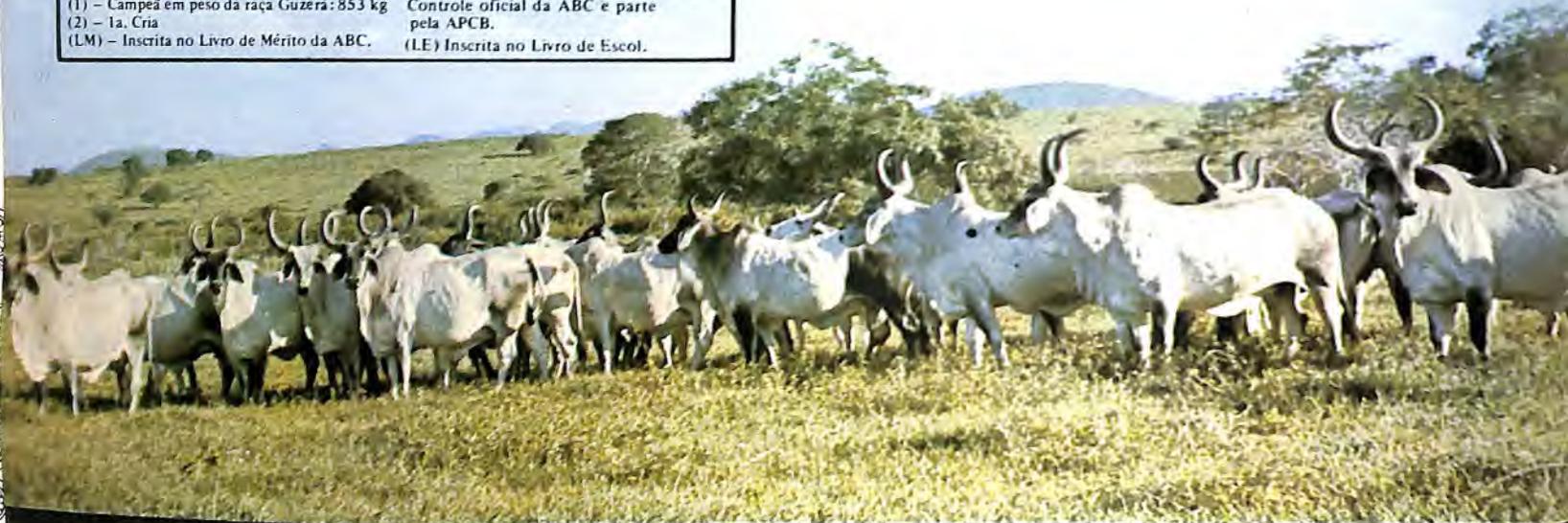
PIONEIRA-JA	- Com 5.596 kg em uma lactação e média de 7,5% de gordura, tendo atingido o máximo de 10,5% em uma ordenha.
TARTARUGA-JA	- Com 8.000 kg e 13,2% de gordura em uma ordenha. Foi a primeira Campeã Mundial JA.
PEROLA-JA	- Com 8.500 kg e 12,0% em uma ordenha.
VITÓRIA-JA	- Com 11.000 kg e 12,0% em uma ordenha.

As quatro fêmeas produziram 4 kg de manteiga em apenas um dia.

MELHORES MATRIZES, todas ainda vivas, na Fazenda Aparecida

POTINGA-JA	5.672 kg (LM) Campeã Mundial	FAISCA-JA	3.533 kg - Campeã Mundial em gordura com 14,6%
INGLATERRA-JA	4.715 kg (LM)	MARQUEZA-JA	3.494 kg
ITURUTABA-JA	4.690 kg (LM)(LE)	AGRICULTURA-JA	3.401 kg
INDÍGENA-JA	4.517 kg (LM)	BENFICA-JA	3.368 kg(LM)
FRANCESA-JA	4.450 kg (1)(LM)(LE)	MADRUGADA-JA	3.267 kg(LE)
PRAIA-JA	4.414 kg (LM)	DUPLICATA-JA	3.252 kg(LM) (LE)
FONTE NOVA-JA	4.209 kg (2) (LM)	MURITIBA-JA	3.243 kg
COLATINA-JA	4.004 kg (LM)(LE)	LEGIONÁRIA-JA	3.150 kg
MAGNÓLIA-JA	3.908 kg (LM)(LE)	ALVORADA-JA	3.118 kg
NUDISTA-JA	3.805 kg (LM)	BARCELONA-JA	3.074 kg
GEITOSA-JA	3.730 kg (LM)	ARTEIRA-JA	3.032 kg
JAZIDA-JA	3.694 kg (LM)		

(1) - Campeã em peso da raça Guzerá: 853 kg  
(2) - 1a. Cria  
(LM) - Inscrita no Livro de Mérito da ABC. Controle oficial da ABC e parte pela APCB.  
(LE) Inscrita no Livro de Escol.



## VITÓRIAS E VIRTUDES DO GUZERÁ -JA DESDE 1895

- PRODUÇÃO LEITEIRA** - Aumento da produção, como uma das metas principais. Hoje, grande número de vacas produzem acima de 2.000 kg sendo que dezenas produzem de 3.000 a 4.000 kg e as principais vão de 4.000 a 5.600 kg. O maior exemplo é POTINGA-JA, bicampeã mundial, com 5.673 kg em lactação de 365 dias e 323 kg de manteiga, com controle em Recinto de Exposição.
- TEOR DE GORDURA** - Aumento até o limite máximo, sendo que muitas matrizes já ultrapassaram os 10% de teor. TARTARUJA-JA foi a 1a. Campeã Mundial, com 13,2% e FAISCA-JA é a nova campeã, com 14,6% e BARCELONA-JA com 13,8%.
- CARNE** - Melhoria da parte econômica, pesando os touros a média de 800 kg, citando-se PAVILHÃO-JA, com 1.050 kg, GLADIADOR-II-JA com 950 kg e NERO-JA, com 970 kg. As fêmeas EUROPA-JA, com 648 kg, TULIPA-JA, com 620 kg e FRANCESA-JA, Campeã Mundial em peso com 853 kg. O arqueamento das costelas e o ótimo revestimento de carne, bem como a ossatura fina é o que possibilita a excelente caixa do GUZERÁ-JA.
- PUREZA GENÉTICA** - Quase 100 anos, garantem, hoje, uma carga genética sem similar, com concentração de gens voltada sempre para a mesma orientação, permitindo excelente uniformidade no rebanho.
- RAÇA** - Aprimoramento máximo da raça, constituindo a marca JA, o mais antigo plantel puro selecionado de zebu, do mundo.
- RUSTICIDADE** - pode-se dizer que a rusticidade já é própria da raça guzerá, mas mesmo assim, a perfeita adaptação a todos os climas sul americanos, bem como a dezenas de climas de outros países, atestam o cuidado dedicado ao aumento da rusticidade do gado.
- MANSIDÃO** - Embora imponente, majestosa, com grandes chifres em forma de lira, o GUZERÁ-JA é manso e dócil.
- LONGEVIDADE** - Grande parte das fêmeas vivem acima de 18 anos, sendo comum uma produção de 12 crias em 20 anos.
- ÚBERES e TETAS** - Conformação de úberes não carnudos e com quartos bem divididos, tetas curtas e bem separadas, para facilitar a ordenha.
- PERÍODO DE LACTAÇÃO** - Aumento do período de lactação mantendo uma boa produção de leite, sendo que várias fêmeas ultrapassaram 365 dias. O record da fazenda é 561 dias pela fêmea PIONEIRA-JA com produção de 5.596 kg, comprovada pelo Ministério da Agricultura.

GUZERÁ

JA

CARIMBO "J"

FAZENDA NOSSA SENHORA

APARECIDA

José e Ana Rita Tavares de Melo  
Gurinhém, Paraíba - Telefone: (081) 631.0325  
CEP 58.356 - Caixa Postal, 1  
Recife, PE - Telefone: (081) 326.6267,

Todos os dados apresentados estão documentados. Solicite maiores informações, através da Caixa Postal-1, Fazenda N.S. Aparecida, em Gurinhém, PB.

# MINISTÉRIO DA PECUÁRIA

"Nunca é demasiado tarde para retomar-se o caminho do bom senso." Lindon B. Johnson

JOSÉ FERRAZ DE OLIVEIRA GUGÉ batalhador de longa data, escreve para jornais e expõe sua opinião, agressivamente, chegando a acusar gregos e troianos responsáveis pela deficiência da agropecuária nacional. Considerado emérito defensor da pecuária bahiana, foi agraciado com a criação do "Troféu Dr. Gugé" que é concedido, anualmente, ao melhor expositor de Itapetinga. Acredita que os pecuaristas precisam deixar a posição de meros espectadores e passar para a contestação, para o ataque, antes que seja demasiado tarde.



*O cabeçadurismo na orientação oficial da política rural aviltou os preços e transformou o Brasil no maior blefe rural do mundo, confirmando que Governar mal é pior que uma acefalia governamental, alertando para o fato de que, — a partir de 79, — poderá haver o agravamento da pobreza e ampliação da fome, devido às pressões que quase liquidaram as esperanças dos pecuaristas.*

Para onde, afinal, estão as autoridades financeiras conduzindo o Brasil?

Traria algum resultado positivo a forte recessão provocada na pecuária, para mero simulacro de queda na inflação?

Toda crise gera uma reação destinada a combatê-la; mas, as crises oriundas da improbidade, de maus propósitos ou de erros injustificáveis, geram também revolta contra seus promotores. Neste caso está nossa crise pecuária, promovida por uma política econômica dolosamente mal orientada. Este é o seu maior perigo.

Basicamente como consequência do cabeçadurismo na orientação da política rural, há um descompasso e uma recessão geral no campo, onde quem mais sofre é a pecuária, fustigada pelo aviltamento dos preços de seus produtos.

Hoje, aliás, o mal já extrapola os limites do campo, atingindo o consumidor urbano.

A mesma política que faz do Banco do Brasil o maior Banco Rural do Mundo, comete o crime de fazer do Brasil o maior blefe rural do mundo; usando, inclusive, para tanto, o próprio Banco do Brasil.

Maior país tropical do Globo, baixa densidade populacional, com as melhores condições naturais para a agropecuária (fertilidade do solo, luminosidade, temperatura, bacias hidrográficas, pluviosidade e um ruralista apaixonado pelo campo), portadores do maior banco rural do mundo, e, ainda assim, somos forçados a importar os alimentos básicos de nosso consumo, inclusive, ultimamente, até os temperos para condimentá-los! Onde a atuação do maior banco rural do mundo? Virou "elefante branco" nas mãos inábeis, dos incapazes burocratas da economia? Governar mal é pior do que uma acefalia governamental.

A partir de 1979, senão fins de 78, o mais grave problema governamental será o pecuário, com agravamento da pobreza e ampliação da fome.

O dirigismo estatal, imprescindível no mundo atual, requer, para seu bom êxito, uma ação governamental em perfeita sintonia com a realidade sobre que atua; o que reclama dos governos integral conhecimento do complexo que lhes compete dirigir.

Na ampliação de um país como o Brasil, esse grau de conhecimento só é atingido por meio de adequado assessoramento para cada setor do conjunto.

A solução de nossa crise pecuária não se

esbarra em dificuldades intrínsecas insuperáveis. O mais difícil é convencer os governantes, intoxicados por teses falsas de uma tecnocracia desvaída, a abandonarem os erros em que incidem e tomar rumo certo, buscando os que têm reais condições de orientar a política rural, como exige o país.

Nosso objetivo é apresentar alternativas; as críticas são menos reprimendas aos erros e mais justificativas ao sugerido.

Há cerca de dez anos defendemos a criação do Ministério da Pecuária, argumentando ser impossível recuperar-se a vida rural sem as devidas modificações na estrutura do governo, na parte a ela vinculada, levando ao melhor entrosamento entre ambos.

Com a obsoleta e pouco racional estrutura vigente, é impossível qualquer programa, com vistas a resultados positivos. A frustração das tentativas bem o comprova.

Permanecemos categóricos: sem prévio aperfeiçoamento na sistemática de vinculação do governo ao campo, jamais poderá ser executado programa saneador das mazelas rurais que nos afligem.

Este aperfeiçoamento deverá começar por uma racional classificação dos objetivos em grupos interligados por vinculação natural. No caso em foco (atividade rural) a pecuária compõe um grupo completamente distinto do formado pela agricultura. Não se podem fundir, nem ser tratados como unidade econômica homogênea pela política diretiva do governo.

O caminho certo é a formação de duas secretarias de governo (Ministérios) específicas para cada setor da amplíssima agropecuária. Ambas totalizantes das respectivas atividades (Pecuária e Agricultura), e sem qualquer vinculação subordinativa a outro órgão, a não ser à Presidência da República.

No atual estágio de incoerência, setenta por cento do essencial à vida rural escapa à alçada do Ministério da Agricultura: crédito, tributação, política de preços, comercialização interna, mercado externo, política salarial e trabalhista — elementos básicos de uma atividade produtiva — fogem de suas atribuições normativas.

Os demais ministérios, normalmente, entram em áreas que deviam ser privativas do Ministério da Agricultura, tirando qualquer eficiência à estratégia do governo.

O Ministério da Pecuária deverá representar de maneira total, junto à Presidência da República, tudo que se vincule à ativida-

de. Como igualmente deverá ocorrer com o Ministério da Agricultura, revigorado, este, com o retorno para sua alçada de atribuições sobre setores indevidamente dele subtraídos: Café, Cana-de-açúcar, Cacau, Borracha etc.

Só assim o campo será devidamente representado, tendo cada Ministério condições de planejar sua política junto ao núcleo central do governo, como agentes no processo de mutação que se faz necessário.

A estruturação desses Ministérios, incluindo o processo de indicação dos titulares — aspectos essenciais para o pleno êxito do programa sugerido — constitui assunto para ulteriores explanações, após uma definição de rumos no sentido da sugestão apresentada. Apresentá-la-emos quando oportuno.

Continuamos dispostos ao diálogo sobre a idéia. Mas os discordantes devem apresentar alternativas que englobam, como a nossa, a totalidade do problema. As meias soluções são, sempre, um agravamento para o problema a que se destinam.

Não é válido argumento contrário, fundamentado em economia para os cofres públicos. Nossas sugestões compreendem a extinção da SUNAB e de outros órgãos igualmente inócuos, com transferência do seu acervo, material e humano, para constituir-se o lastro do novo Ministério; o que, tanto em termos nominais como reais, representa grande economia para a nação.

Temos conhecimento de muitas críticas à idéia, inclusive partidas de autoridades governamentais, as quais classificamos de levianas: não só pela ausência de argumentos, como, principalmente, por não se acompanharem de alternativas; quando ninguém mais pode ocultar o galopante agravamento do problema e a impossibilidade de uma solução dentro da clássica prática de paliativos.

O atraso é grande, mas ainda não é demasiado tarde, para iniciar-se a luta.

Pela fé que depositamos nas autênticas lideranças nacionais, responsáveis maiores, moralmente, pelos rumos a serem dados à nação na grave conjuntura presente, esperamos não sejam em vão nossos propósitos, visando ajudar o país a romper os laços que ainda o atrelam ao negrume do subdesenvolvimento econômico, político e social.



"POSTES POTYCRET"

A MAIS AVANÇADA TECNOLOGIA DO  
PREMOLDADO À SUA DISPOSIÇÃO

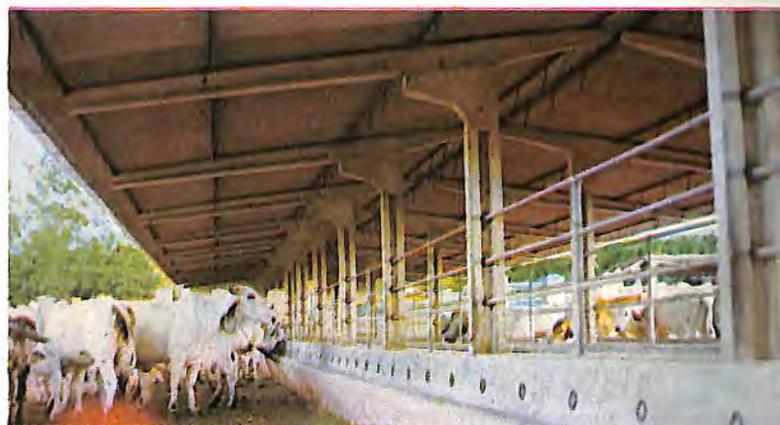
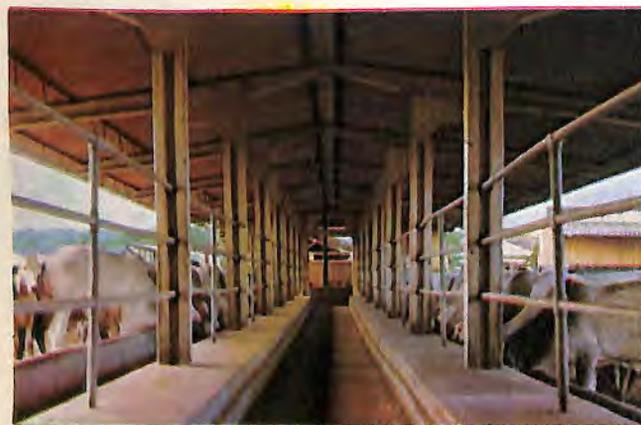
Potycret

# SUA FAZENDA MERECE O MELHOR



**ESTÁBULOS – POTYCRET –** Sem pilares intermediários, facilitam o acesso dos animais à ração, evitando ferimentos e arranhaduras, além de serem muito práticos para garantir uma perfeita higiene. São indicados para a montagem de Parques, Feiras e Exposições de Animais. A POTYCRET executa, também, projetos especiais completos para qualquer necessidade.

Os produtos  
**POTYCRET** são de  
grande durabilidade  
e dispensam os  
gastos de  
manutenção



PREMOL - Indústria e Comércio S.A

MATRIZ  
Rua Luiz Malheiros, 310 - Bodocongó  
CEP 58.100 - Campina Grande - PB  
Cx. Postal, 423 - End. Teleg. PREMOL  
Fones 3214651 - 3213549 - 3213751  
Código DDD 083

FILIAL SOUSA  
Jardim Brasília, s/n  
Distrito Industrial  
CEP 58.800 - SOUSA - PB  
Fone 495

FILIAL PALMARES  
BR 101, KM 118  
CEP 55.545  
PALMARES - PE

FILIAL FEIRA DE SANTANA  
Estrada do Aviário s/n  
Transversal à BR 324  
CEP 44.100  
FEIRA DE SANTANA - BA

ESCRITÓRIO RECIFE  
Rua Imperial, 150  
CEP 50.000  
RECIFE - PE  
Fones 242622 - 240015

ESCRITÓRIO JOÃO PESSOA  
Rua General Osório, 199  
CEP 58.000  
JOÃO PESSOA - PB  
Fone 4565

AS FAZENDAS DE TODO O NORTE/NORDESTE  
JÁ ESTÃO PREFERINDO O MELHOR

**Potycrét**



Os mais expressivos criadores do Nordeste escolheram os premoldados Premol para suas fazendas da Bahia, Alagoas, Sergipe, Pernambuco e Paraíba e estão satisfeitos com as vantagens obtidas.

A Potycrét fabrica, instala e dá completa assistência aos Estados do Rio Grande do Norte, Ceará, Piauí, Maranhão e Pará, contando com a preferência de inúmeros criadores que estão preferindo o que há de melhor para suas propriedades.

A PREMOL e a POTYCRET vêm testando seus produtos há mais de seis anos, sem nunca ter efetuado sequer um reparo. Por isso, quem prefere os produtos premoldados, está sempre satisfeito com a grande economia realizada.



#### GALPÕES POTYCRET

Fornecidos em diversos modelos, de acordo com a necessidade de cada fazenda. São de grande utilidade para o armazenamento em geral.

#### GRÁTIS – ESPECIAL – GRÁTIS

A POTYCRET está atuando nos Estados do Rio Grande do Norte, Ceará, Piauí, Maranhão e Pará ajudando a fornecer resistência, higiene, beleza e perfeição para as instalações das fazendas, a um custo muito mais barato. Solicite e receba, GRATUITAMENTE, nosso catálogo de produtos, onde pode-se ver porque os premoldados acabam custando, realmente, muito mais barato para a fazenda. Preencha um cupom igual ao modelo anexo e receba, DE GRAÇA, nosso catálogo.

Nome: .....

Fazenda: .....

Endereço p/ remessa do Catálogo: .....

Cidade: ..... Estado: .....

POTYCRET  
Produtos de Concreto Ltda

MATRIZ  
Quadra H, Parque Riacho, Quintas  
Caixa Postal 930 - End. Teleg. "POTYCRET"  
Fones (084) 222 2408/222 4532  
CEP 59 000 - NATAL - RN

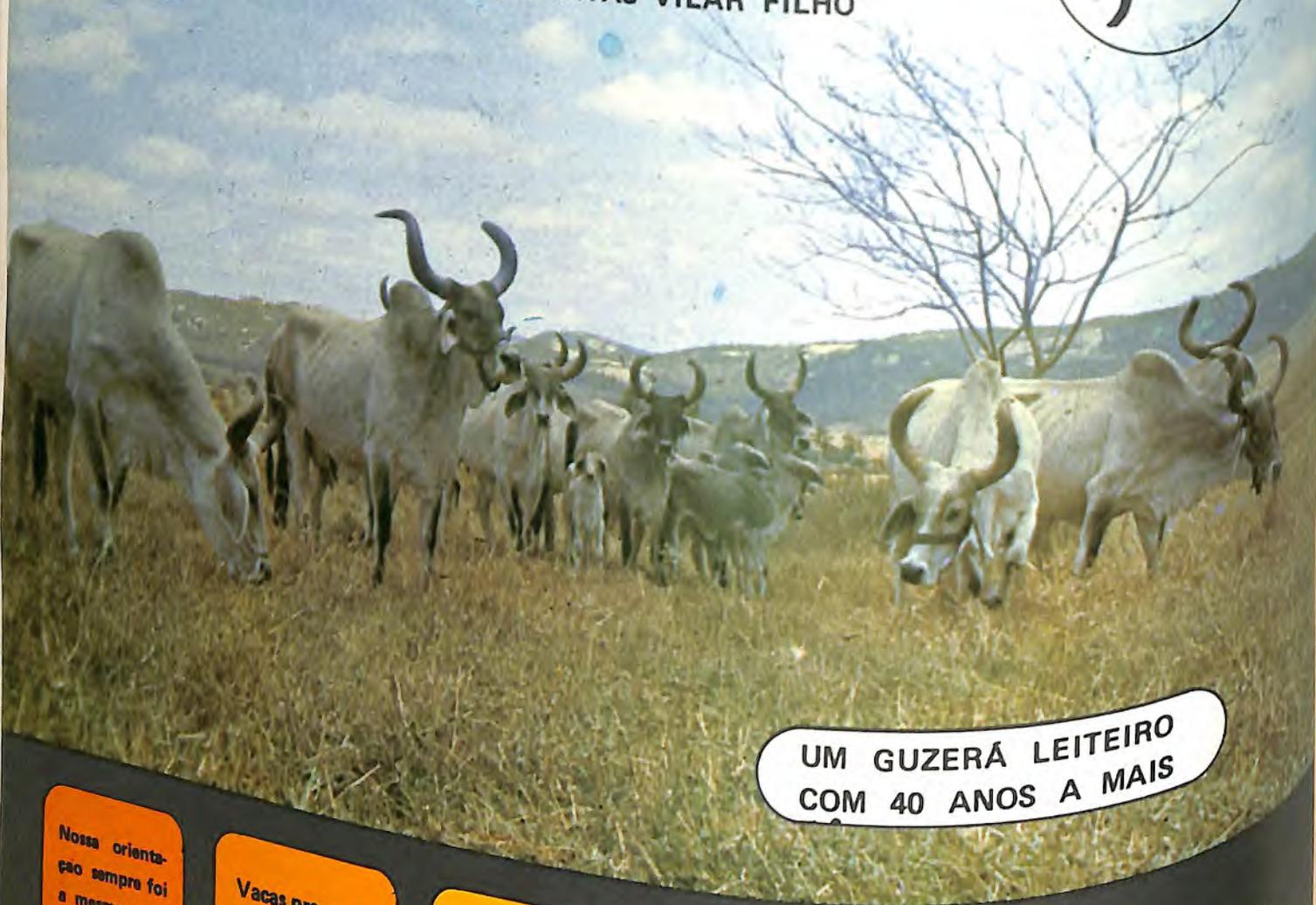
FILIAL DE SÃO GONÇALO  
Fazenda Serrinha  
CEP 59 290 - São Gonçalo do Amarante - RN

FILIAL MOSSORÓ  
BR 304 - KM 266 - Alto do São Manoel  
Caixa Postal 167 - Teleg. "POTYCRET"  
Fone (084) 321 3098  
CEP 59 600 - MOSSORÓ - RN



# FAZENDA CARNAÚBA

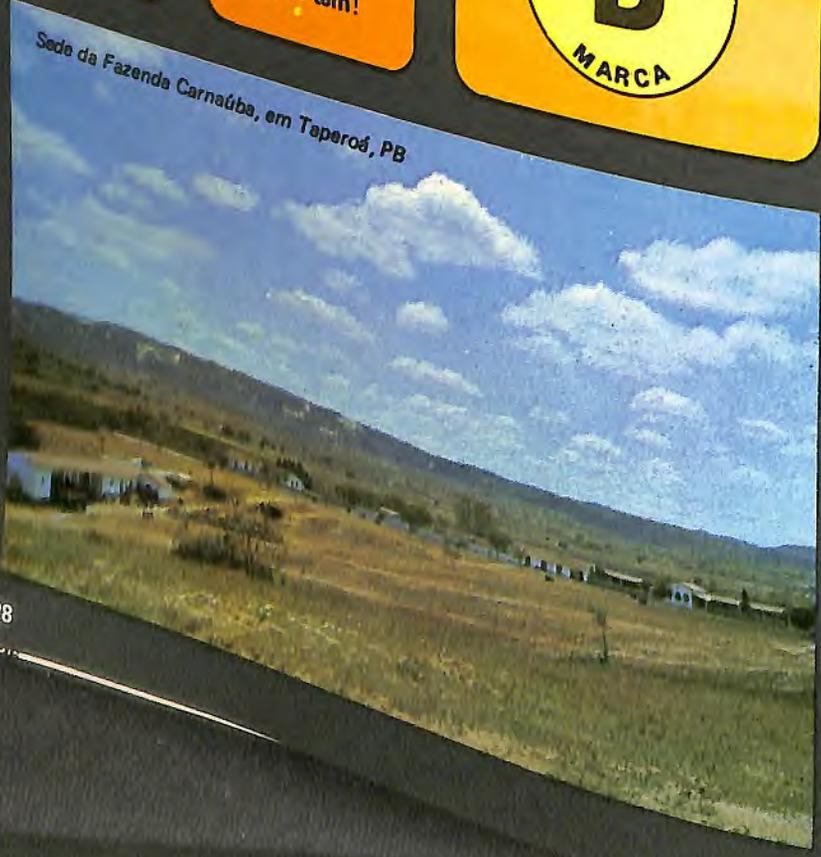
MANUEL DANTAS VILAR FILHO



UM GUZERÁ LEITEIRO  
COM 40 ANOS A MAIS

Nossa orientação sempre foi a mesma: buscar maior produção de carne e leite.

Vacas precoces e resistentes, com aquela imponência que só GUZERÁ é que tem!



Sede da Fazenda Carnaúba, em Taperoá, PB

Em 1934, Manuel Dantas Vilar encontrou, no Rio de Janeiro, um gado enorme, imponente, com chifres em forma de lira, muito leiteiro e manteigueiro, que parecia ser ideal para o Nordeste seco.

Ouvindo atentamente o histórico criador João de Abreu, trouxe o GUZERÁ-JA, em diversos lotes, sem nunca introduzir um touro de fora, mantendo a pureza original.

Hoje, o GUZERÁ-D adquiriu uma rusticidade inédita na história da pecuária brasileira. O Guzerá-D é um Guzerá-JA... com 40 anos de Nordeste.

PARA O BRASIL  
SOCIEDADE RURAL FRENCH  
CONVENIO COM O GOV. FEDERAL  
DE AGRICULTURA

Esta sociedade tem por objectivo a introdução e a criação de gado bovino e caprino em terras do Brasil, para a melhoria da pecuária nacional e a exploração das terras baldias do Estado.

PARA O BRASIL  
SOCIEDADE RURAL FRENCH

Esta sociedade tem por objectivo a introdução e a criação de gado bovino e caprino em terras do Brasil, para a melhoria da pecuária nacional e a exploração das terras baldias do Estado.



## Panorama

### SOCIEDADE RURAL FIRMA CONVÊNIO COM SECRETARIA DE AGRICULTURA

A Sociedade Rural da Paraíba, na pessoa de seu Presidente Dr. Humberto de Almeida, firmou convênio com a Secretaria de Agricultura e Abastecimento, na pessoa de seu titular, Dr. Humberto Manoel de Freitas, visando promover as necessárias reformas e obras complementares no Parque de Exposição "Carlos Pessoa Filho", em Campina Grande.

O valor do convênio é de Cr\$ 900.000,00 e permitirão obras aceleradas, tendo em vista a proximidade da Grande Exposição, a partir de 29 de outubro, até 5 de novembro.

Estão em obras: o acesso do Parque, construção de um prédio próprio para as agências bancárias, construção de uma sala especial para imprensa, sanitários novos, melhoramento na iluminação geral e nova iluminação na área de desfile de animais, além de uma completa limpeza em todas as dependências do Parque de Exposições.

A Exposição de Campina Grande, em 1977, foi coroada de pleno êxito e aguarda-se o mesmo para 1978.

### PARAÍBA MODELO PARA O BRASIL

O Programa de Agricultura de Baixa Renda, implantado pela Secretaria de Agricultura e Abastecimento servirá de modelo para a criação do Projeto Nacional de Agricultura de Baixa Renda. O Programa já está funcionando em Araruna, Serras do Teixeira e de Cuité, além de outras regiões da hinterlândia paraibana. Na última reunião a respeito do assunto estiveram presentes os diretores das Companhias Estaduais de Planejamento Agrícola de Pernambuco, Paraíba, Rio Grande do Norte, Ceará e Bahia, além de diversos técnicos da Sudene.

### INCRA AJUDA MÃO-DE-OBRA RURAL

Atendendo solicitação do reitor LYNALDO CAVALCANTI, da Universidade Federal da Paraíba e do Dr. Humberto Manoel de Freitas, Secretário da Agricultura, o INCRA aprovou a liberação de 2,4 milhões para realização de obras no Centro de Formação de Mão-de-Obra Rural, implantado no Colégio Agrícola Vidal de Negreiros, no município de Bananeiras, PB.

### ABCZ COM NOVO PRESIDENTE



No dia 31 de julho de 1978, assumiu a presidência da Associação Brasileira dos Criadores de Zebu, o pecuarista Manoel Carlos Barbosa, com a presença do Ministro Alysson Paulinelli, os Secretários da Agricultura de Minas, São Paulo e Mato Grosso, afirmando que "todos sabem que a agropecuária é quem tem pago as contas do desenvolvimento brasileiro", alertando para a implantação de um novo modelo econômico, onde a agropecuária seja considerada meta absolutamente prioritária do Governo, pois "não podemos aceitar que, no atual estágio de nossa economia, o setor continue a ser sacrificado, recebendo tratamento discriminatório, e pior, sem poder decidir o seu próprio destino."

Terminou o discurso citando Abrahan Lincoln: "Jamais País algum do mundo conseguiu superar a barreira do desenvolvimento sem fortalecer a sua economia agropecuária", frase dita em 1862 e que precisa ser realizada, hoje, 116 anos depois, urgentemente.

### PESTE SUINA NÃO CHEGOU À PARAÍBA

O DFA-PB, na pessoa de seu Delegado, Dr. José Carlos Simões Peixoto, informou que a Paraíba continua ilhada, sem ter constatado nenhum foco real de peste suína, embora haja diversas notícias publicadas em contrário. "Saímos do estágio de Alerta e estamos iniciando um trabalho de análise perifocal, mas nada indica a presença concreta da peste." O mais acertado, no entanto, seria que os produtores fossem consumindo ou comercializando seus animais, pois a Paraíba poderá receber a peste, uma vez que se encontra isolada, no meio de vários focos.

### CARNE DE SOL E O CÂNCER

Continua o uso proibitivo do produto Gesarol-33, que apresenta possibilidades reais de provocar o câncer, informa o DFA-PB. Nenhuma medida foi tomada pela Secretaria de Saúde até o momento e isto está sendo con-

siderado como "estranho" pelos técnicos federais. Em nossa edição anterior, alertamos para o uso fraudulento do Gesarol-33, principalmente na região de Campina Grande, num autêntico atentado à saúde popular, além de constituir uma venda dolosa, passível de séria punição. Aguarda-se alguma medida efetiva dos órgãos competentes, principalmente da Secretaria de Saúde.

### REGISTRO DE CAPRINOS

A Associação dos Criadores de Ovinos da Paraíba, na pessoa de seu diretor Rainilson Monteiro Viana, foi convidada para efetuar o Registro Provisório dos animais paraibanos, das raças Santa Inez, Morada Nova, Rabo Largo e Somalis. Já foram atendidas as regiões de Sousa, Campina Grande e São Mamede. Juntamente com o técnico Dr. Artur Vasconcelos Valadares, do Serviço de Apoio às Políticas da Produção, do DFA-PB, estão efetuando um trabalho de implantação do Serviço de Registro nos Estados de

# Panorama

Pernambuco e Alagoas, autorizados pela Secretaria Nacional da Produção Agropecuária, e apoiados pela Associação Brasileira dos Criadores de Ovinos, cuja sede é em Bagé, RS. Um grande trabalho para o crescimento do Nordeste, que trará substanciais resultados num futuro breve, merecendo elogios pela abnegação e patriotismo dos componentes.

## EXPOSIÇÃO DE ESTEIO

A maior Exposição do Brasil, segundo muitos frequentadores, alcançou um grande sucesso, este ano, tendo vendido 41 milhões de cruzeiros, contando com a participação de três mil animais bovinos. O preço mais caro pago por um animal foi Cr\$ 450.000,00 — um charolês, um cavalo árabe por Cr\$ 380.000,00 — um ovino por Cr\$ 360.000,00 e um outro ovino da raça Ideal, por Cr\$ 210.000,00, e uma vaca Jersey por Cr\$ 185.000,00. Mais de 15 países participaram do evento. O teto máximo do Banco foi de Cr\$ 50 mil para bovinos de corte machos, sendo que os agropecuaristas queixaram desse valor baixo.

## FIGUEIREDO E A SOCIEDADE RURAL DA PARAÍBA

No dia 25 de setembro, o futuro Presidente João Batista de Figueiredo em visita a Campina Grande deu prioridade de atendimento aos elementos da Sociedade Rural da Paraíba, reforçando a idéia de que, em sua gestão, a agropecuária terá prioridade.

A comissão de diretores solicitou a atenção do General para os seguintes pleitos: a) criação de órgão regional para administrar os créditos rurais, evitando a burocracia excessiva. b) Aprovar um sistema de crédito rural diferenciado, favorecendo o Nordeste com melhores juros e maior prazo de carência. c) evitar os atravessadores que flagelam o Nordeste, criando e ampliando unidades tais como Ceasas, Cooperativas, etc., visando pagar ao produtor um justo preço quando o produto ainda estiver em suas mãos. d) ampliar o atendimento no tocante

à assistência social, educação e Assistência Técnica, visando fixar o homem ao campo.

Figueiredo, considerou justas as solicitações e disse que não admitia que um País como o Brasil tivesse necessidades de importar gêneros. Frisou que o acesso ao crédito e divulgação de técnicas para melhorar a produtividade já deveriam estar sendo agilizados "desde ontem".

Encerrou, dizendo: "... sabemos que os Créditos Rurais, muitas vezes, são devolvidos pelas entidades bancárias, por não serem procurados, e deixam de ser procurados pelo excesso de burocracia e falhas do sistema atual."

Pela Sociedade Rural, responderam o Vice Presidente Ermírio Leite Filho, Aloisio Afonso Campos, Edvan Leite, José Aderaldo, Francisco de Souza Diniz e Raimundo Lira, notando-se a ausência de seu Presidente Dr. Humberto de Almeida, por estar presente ao I Congresso da Indústria do Nordeste.

# Casa do Criador

I. BARBOSA DE FARIAS  
CAMPINA GRANDE — PARAÍBA

Rua  
Tavares Cavalcanti,  
No. 460  
Fone: (083)  
321.3457

### PRODUTOS VETERINÁRIOS

Soros  
Vacinas  
Sais Minerais  
Antibióticos  
Mata-Bicheiras  
Vermífugos  
Equipamentos veterinários

Produtos para  
Animais e  
Aves Domésticas

Sementes de  
capim Buffel,  
Brachiaria,  
hortaliças e  
vegetais

### PRODUTOS AGRÍCOLAS

Alubos  
Sementes de campo e quintal  
Formicidas  
Inseticidas  
Herbicidas  
Carrapaticidas  
Fungicidas

Assistência  
Técnica e  
Veterinária no  
campo e na  
cidade.

Equipamentos  
Veterinários em  
geral

## Panorama

### IRRIGAÇÃO EM MARCHA

O Dr. Leonildo Alvares da Silva e Dr. Jacó Vilar C. Lima, acompanhados pelo técnico Dr. Alcides Marcelino de Oliveira Filho estiveram presentes ao 4o. Congresso e 1a. Mostra Nacional de Irrigação e Drenagem, promovido pela ABID – Associação Brasileira de Irrigação e Drenagem, evento verificado na cidade de Salvador, BA contando com a presença dos maiores técnicos e autoridades, inclusive os Ministros da Agricultura e do Interior. Entre os principais assuntos enfocados, destacou-se um Projeto para conceder substancial desconto nas tarifas de consumo de energia elétrica para irrigação. Presentes, o Banco do Brasil, BNDE, DNOS, EMBRAPA, MINAGRI, MINTER, DNOCS, CODEVASF, CEPLAC, CIBRAZEM e todos os fornecedores do ramo, bem como representantes de todos os Projetos oficiais, o Congresso foi considerado como um dos mais expressivos para o desenvolvimento da região Nordeste, muito embora tenha enfocados assuntos referentes à região Sul e região Centro Oeste.

### 125 HECTARES IRRIGADOS

A Fazenda Buracão, da empresa Frutas Tropicais S.A. componente do grupo Maguary, acaba de realizar um contrato com a Dan-Metal visando irrigar 125 hectares de cultura de abacaxi. O Dr. Moacir Tavares, proprietário, no momento em que começa a receber os equipamentos, mostra-se confiante no aumento da rentabilidade que há de advir, com a modernização. A Fazenda Buracão situa-se no município de Sapé, um dos maiores produtores de abacaxi do Brasil.



### EXPOSIÇÃO DE CAJAZEIRAS

Com um total de Cr\$ 5.366.600,00 a Exposição de Cajazeiras repetiu o êxito de 1977, vendendo 607 fêmeas e 26 reprodutores, somando 633 cabeças.

### TAMBÉM NOS ESTADOS UNIDOS

Os preços da carne bovina continua subindo nos Estados Unidos e se prevê um nível recorde no segundo semestre, sendo que a eliminação de cotas de importação já não conseguirão resolver o problema, diz o Secretário da Agricultura, Bob Bergland. Ele atribui a crise aos danos causados aos rebanhos pela seca no este do País e a uma escassez internacional de carne bovina. De acordo com as estimativas oficiais, os preços da carne bovina para consumo nos Estados Unidos, em abril último, foram quase 80% superiores aos preços do mesmo período do ano passado.

# COMAG COM. DE MÁQ. AGRÍC. LTDA.



REVENDEDOR Massey Ferguson  
● TRATORES E IMPLEMENTOS ●



- Implementos agrícolas
- Batedeira de cereais
- Debulhadores de milho
- Carretas agrícolas
- Colhedoras e Picadeiras de capim
- Semeadeira e Adubadora de Pastos
- Motores diesel Yamaha
- Moto-forageiras, moto-bombas, grupos geradores Yamaha.
- Peças e Serviços

Matriz: R. Pres. João Pessoa, 287 - Teleg. "COMAG" - Fone: (083) 321.2821 Campina Grande-PB.

Filial: Praça João Pessoa, 40 - Fone: 421.3271 - Patos, PB

# AS CABRAS DO CARIRI

(sonhos, tristezas, Mitos e Alegrias de dois Cabreiros Sertanejos)

Ariano Suassuna

ARIANO SUASSUNA, de renome internacional, célebre escritor, consegue conciliar seu tempo na trepidante vida de Recife com a vida rural, em pleno Cariri paraibano. Uma das decisivas vozes nordestinas, sempre na pauta dos homens que dirigem a Nação, prega um retorno às atividades campestres, como solução essencial para o ser humano e, depois, como consequência, para o País.



*Usando a criação de cabras como pano de fundo, Ariano com sua genialidade mostra que produzir carne, leite e peles é mais importante que importar bugingangas, e que os psiquiatras somente existem porque a Nação contém boates, ou seja, as coisas danosas ocorrem porque o equilíbrio ditado pela razão foi quebrado. Analisando o desenvolvimento dos bodes e cabras, apresenta uma mensagem de esperança para aqueles que insistem em continuar apegados ao solo de nosso tão caro, grande, estranho e mal-conformado País; vivendo um sonho que, embora constantemente traído por doenças, cães e política, será sempre a esperança do El-Dorado.*

Muitas pessoas perguntam-me sobre a criação de cabras que, juntamente com meu primo-irmão Manuel Dantas Vilar Filho, iniciamos em 1972, em Taperoá, no sertão do Cariri paraibano. Uns, pertuntam se desisti, se perdi a fé do começo e se me convenci, afinal, de que “bode só dá aperreio e prejuízo”. Outros indagam se persisto, se estou satisfeito e se a criação está dando lucro.

Respondo que nem tanto ao mar, nem tanto à terra. Nem tanto ao litoral e à cidade, adversárias do bode, nem tanto ao sertão, que é meio ideal para a raça caprina e terra de cabreiros dos meus sonhos de menino, de adolescência e de adulto.

Logo de saída, posso dizer aos pessimistas que aqueles dois tipos de pergunta estão colocados como se a falta de lucro necessariamente acarretasse a perda da alegria. Isso não é verdade e eu poderia até resumir o que nos aconteceu até agora com nossas cabras, através do dístico que li, certa vez, no parachoque de um caminhão: “Não dá lucro, mas é divertido”. Entretanto, esta seria uma visão amorística e imperdoável de um problema sério, uma espécie de afecção antipática de quem só cria cabras porque, vivendo de outras atividades, pode se dar ao luxo de olhar como objeto de pura diversão esteticista aquilo que, para outros, é duro e único meio de vida. Assim, vou tentar aqui examinar o problema por um ângulo de visão mais realista e menos pessoal.

É verdade, sim, que, do meu ponto de vista particular e arbitrário, nossa criação de cabras, com todos os prejuízos havidos, é positiva e está mais do que justificada pelo que significa como mecanismo compensatório da minha vida rotineira e estéril de pro-

fessor, funcionário público e intelectual urbano, vida na qual permaneço exilado por fraqueza, acomodação e falta de força de vontade. As cabras representam, para mim, mesmo na situação mais ou menos vacilante e indefinida em que me encontro em relação a elas, a porta aberta para uma vida renovada, para uma atividade criadora, real e bela. Sim, porque mesmo os adversários mais ferrenhos da vida do campo hão de reconhecer que produzir carne, leite e peles é mais importante do que importar perfumes franceses ou exportar televisores que nem brasileiros são. Certa vez, conversando com minha mulher, eu disse: “O que eu queria, mesmo, era viver num lugar onde não existissem nem boates, nem psiquiatras, porque nos lugares onde não existem boates — com tudo o mais que se encontra por trás delas — os psiquiatras são quase inteiramente dispensáveis.”

Assim é que as cabras adquirem um valor de símbolo e alegoria; e assim é que, a partir das cabras, chega-se à evidência de que é necessário reformular todas as estruturas da nossa vida, com dois estilos, partidos, ou visões do mundo: de um lado, os admiradores das boates, dos televisores e do perfume francês; do outro, os adeptos das cabras, de Gandhi, dos profetas judaicos, antigos ou mais recentes.

Mas não estou escrevendo aqui para explicar meu caso particular ou minha visão pessoal, e sim para ver se, com um relato resumido das nossas dificuldades, dos nossos erros e acertos, dos nossos prejuízos e esperanças, posso ajudar um pouco aqueles que, por acaso, estão se dedicando ou pretendem se dedicar a semelhante e tão simpática, tão sadia e tão bela forma de loucura.

O primeiro erro que nós demos foi o de acreditar nos números que os estudos teóricos sobre caprinos nos ofereciam quando começamos e, ainda hoje, oferecem aos outros. Sem nenhuma falta de respeito aos técnicos que os elaboram, sem qualquer recriminação e sem lançar qualquer suspeita sobre a integridade pessoal e profissional desses técnicos, o fato é que esses dados dos livros são, não digo falsos, mas elaborados em gabinete, ou nos melhores casos, a partir de experiências de laboratório, com 10 ou 20 cabeças no máximo. O resultado é que os dados resultantes são absolutamente irreais. Por exemplo: nos dados teóricos, uma cabra dá 3 cabritos por ano, em 2 partições. Acredito que se um técnico ou criador mantém 20 fêmeas e 1 reprodutor num estábulo, comendo ração cara e com toda a assistência médico-veterinária que a criação exige, aí pode ser que esteja correto o cálculo da produção de 3 cabritos para cada fêmea por ano. Mas para ser rentável em termos de carne e couro, no Sertão, um rebanho de caprinos nem pode ser criado como se se tratasse de animais de laboratório, nem pode ter menos de 400 cabras em regime de produção. E com 400 cabras, os números são muito diferentes das previsões otimistas e teóricas dos técnicos.

Depois, não é somente quanto às partições que existe essa diferença entre os dados reais e os abstratos. Sofremos, em nosso rebanho, verdadeiras mortandades. Algumas, como as causadas pela verminose, até certo ponto previstas nos livros, mas outras, absolutamente não. Vamos a outro exemplo: em alguns lugares do mundo pode ser diferente, não sei, mas no Sertão do Nordeste não há quem consiga

reunir 400 fêmeas sem comprar as matrizes em lugares os mais diversos. O resultado é que se perdem muitas cabeças pelo contacto de doenças e de resistências diferentes; e até que se consiga estabilizar um rebanho mais ou menos uniforme, com os animais inter-adaptados e com resistência para os mais diversos virus e enfermidades, as perdas serão enormes e, às vezes, em massa, como aconteceu, pelo menos uma vez, conosco.

Um outro caso que aos técnicos e pessoas da cidade pode parecer fantástico e até cômico pelo inusitado mas que, para nós, foi dramático e duro de ver e de sentir na carne, é que um dos maiores prejuízos que sofremos foi o de outra mortandade em massa, causada pelo ataque violento e constante às fêmeas, machos e filhotes, por parte de bandos de cachorros semi-selvagens, porque são criados à solta e habituados a matar criações de pequeno porte. Em Taperoá, somente entre cães vacinados neste mês de julho de 1978, contaram-se mais de 600, ajuntam-se a eles os animais não vacinados e ter-se-á uma idéia do problema que, além dos bichos do mato, representam esses animais predatórios para um rebanho. Muitos deles, inclusive, são cachorros de caçadores, treinados para matar e viciados em matar ovelhas e cabras, borregos e cabritos. Não comem a carne, sangram os animais, cortando-lhes com os dentes afiados as artérias da garganta, bebem o sangue e deixam o resto para os urubus.

Com esses e outros incidentes e acidentes, não só a produção de cabritos ficou muito aquém do que eu e meu primo Manuel esperávamos. Neste mês de julho de 78, fizemos um recenseamento das cabras e só encontramos vivas 1/3 das fêmeas do rebanho que julgávamos ter reunido ao fim de 6 anos de trabalho extenuante por parte dele — é claro — que é quem realmente enfrenta o problema, enquanto que eu fico, egoisticamente, com a fama e a Literatura.

Mas essa é a parte da tristeza, e acredito que seja comum, de uma forma ou de outra, a todos aqueles que permanecem teimosamente apegados ao campo, ao trabalho da terra, à agricultura e à pecuária. É a áspera tristeza e é o áspero desgosto — mas não o desânimo e o desencanto — que todos os criadores parecem ter que enfrentar neste nosso tão caro, grande, estranho e mal-conformado País. São áspersos desgostos e dificuldades que acho que desanimariam qualquer outro agrupamento humano, qualquer comunidade menos tenaz e curtida do que a do Sertão Nordestino. Mas nós, como herança e exemplo daqueles de quem descendemos, não digo nem que decidi-

mos resistir — pois não se trata de uma resolução determinada e expressa — mas não soubemos não-resistir. Nem sequer nos ocorreu desistir. Não é que tenhamos mais coragem do que a comum — é que temos acanhamento e não aprendemos ainda muito bem a fugir. De modo que vamos em frente, sustentados pelas alegrias e esperanças que, quando o problema se torna mais duro, chegamos até a inventar, através do sonho e por necessidade.

Ora, no meu caso, tenho uma característica que se não fosse por mim levada ao exagero, não seria talvez um defeito: é que não sou apenas sonhador, o que, de certa forma, poderia chegar até a ser uma qualidade; sou, mesmo, é devaneador e quimérico, a tal ponto que um dos meus sonhos ligados às cabras é abandonar, por elas e através delas, o suborno das falsas comodidades e dos confortos artificiais da vida urbana, para viver numa comunidade pobre, justa, fraterna, livre e despojada, cuja vida gire em torno dos rebanhos de caprinos e da agricultura, como sucedia nos tempos proféticos do Velho Testamento e dos cristãos primitivos; e como, de certo modo, parece suceder nas comunidades tribais de hoje — essas como as dos nossos índios, que os cristãos corrompidos da nossa época ainda não conseguiram destruir e corromper de todo.

Se esses devaneios e quimeras, por um lado prejudicam as soluções reais por outro criam os impulsos, sem os quais não nos atreveríamos a começar empreendimento nenhum — quer todos eles, sejam criações de cabras, sejam edificações de impérios, ou a construção da Esfinge, parecem sempre colocados acima das forças humanas. Era o que me demonstrava outro dia meu primo Manuel — ele que, ao sonho e à imaginação, alia o senso do real e a capacidade de efetivar o que sonha, o que terminou por transformá-lo num dos mais respeitáveis entre os respeitáveis criadores de gado Guzerá do Brasil.

De fato, será que sem o sonho e o mito do El-Dorado, os conquistadores da América Latina teriam criado os impérios que criaram, no México, no Peru, ou no Brasil? Isto sem se falar nos outros impérios que já encontraram, o azteca e o inca, assim como nas comunidades muito mais modestas e muito mais próximas dos nossos sonhos cabreiros e sertanejos — como parece ter sido sonhado melhor na República indígena das Missões. Por isso é que o sonho nos tem sustentado, e quando um deles morre, assassinado ou traído pelo real, nós criamos outro que tome o seu lugar.

Agora mesmo, depois de descobriremos todos aqueles obstáculos — e, mais, o de que as flutuações e manipulações do mercado da carne e do couro

não atingem apenas a carne e as peles dos bovinos mas também a dos caprinos — resolvemos partir para uma outra tentativa, a do leite. Apesar de todos os prejuízos, parece que vamos poder reunir um rebanho de 100 fêmeas da raça que eu, meio literariamente, chamo "indubrasil vermelha", e 100 da "indubrasil negra", sendo todas originadas do cruzamento de reprodutores bujes indianos com as cabras vermelhas e pretas do Cariri paraibano. A partir delas, esperamos fazer dois lotes de cabras sertanejas leiteiras — a raça "cariri lombo-pardo" e a "cariri lombo-preto".

Para concluir este artigo de sonhos, um fato real. No dia 27 de julho de 1978, tiramos pela primeira vez, de 28 cabras paridas, pegadas ao acaso, 2 baldes de leite com 9 litros cada um, num total de 18 litros. Tentando transportá-los do curral para casa, peguei os baldes pelas alças e, sem jeito, ia derramando um pouco de leite pelo balanço natural do andar. Minha mulher Zélia e a mulher de Manuel, Clívia, gritaram assustadas e Zélia me advertiu: "Cuidado, Ariano, que esse leite de cabra é ouro puro." Acho que ela disse isso primeiro por saber o valor que aquilo significava para nós, mas também como uma crítica velada e afetuosa ao dinheiro e ao esforço que eu e Manuel empregamos nas cabras, eu entrando com as matrizes, ele com a terra e a administração, e nós dois dividindo fraternalmente os prejuízos.

Mas depois refleti um pouco e vi que Zélia tinha razão, se bem que por outro lado eu já escrevera, uma vez, que as roupas cobertas de vidrilho dos espetáculos populares e as jóias de metal barato usadas pelos pobres são mais verdadeiras e valiosas do que os ouros e diamantes dos ricos, o que se deve à quantidade maior de sonho humano que carregam. E vi, então, que aqui, agora, em Taperoá, com nossa criação de cabras, raciocínio semelhante poderia e mesmo deveria ser feito. Como dizia meu tio Manuel Dantas Vilar, "todo começo é pequeno". Do ponto de vista estreitamente "real", ali naqueles baldes, iam apenas 18 litros de leite, tirados de cabras baixa produção. Mas sou dos que acreditam que só o sonho e a utopia são capazes de carregar a realidade do chão raso para o alto e para o Sol. E, desse ponto de vista, pela quantidade dos sonhos nossos que iam ali, minha mulher tinha razão: o que eu tentava torpemente e tropeçadamente carregar ali — momentaneamente transformado em símbolo de todos esses sofridos cabreiros do Sertão Nordestino — eram dois baldes do mais fino e puro ouro que, quanto a nós, o sonho humano sobre cabras e sobre a reformulação de toda a nossa vida a partir delas pôde até hoje produzir.

# MELHORE SEU PLANTEL COM REPRODUTORES E MATRIZES GUZERÁ DA FAZENDA CANHOTINHO.



Lote de Guzerá PO.



GURI — 2 vezes campeão no Ceará.

É na Canhotinho que está um dos maiores e melhores rebanhos de Guzerá do Norte/Nordeste. Um plantel todo PO. Afinal, há 14 anos a Fazenda Canhotinho vem se dedicando à seleção e melhoramento genético da raça Guzerá, para venda de reprodutores e matrizes da mais alta e pura linhagem indiana. São descendentes dos campeões Ghalor, Marghu, Pandhiá, Guri, além de renomados touros do Brasil, que integram o nosso plantel de reprodutores por inseminação. Pastagens nativas melhoradas e artificiais, — irrigadas, com aproveitamento d'água de 19 açudes e barragens — sistemas de ensilagem e fenação, além de suplementação à base de concentrados, garantem ao rebanho da Canhotinho um desenvolvimento uniforme e perfeito, mesmo durante a estiagem.

Um rigoroso controle sanitário, orientado por padrões racionais e técnicos especializados, é responsável pela manutenção do gado sempre sadio e robusto. Faça um investimento fecundo: compre reprodutores e matrizes Guzerá da Fazenda Canhotinho para melhorar a qualidade do seu plantel. Os reprodutores estão à venda de janeiro a janeiro.

**Jm FAZENDA  
CANHOTINHO S.A.**

Organizações J. Macêdo  
Com apoio SUDENE/BNB/BB

Sede: Quixeramobim — Ceará  
Escritório: Av. Dom Manuel, 798  
Fones: 231-3411 e 231-9742  
Fortaleza — Ceará

## LEILÕES DE GADO NO BRASIL

- A) HISTÓRICO
- B) É UM FATOR REGULADOR DE PREÇOS NO MERCADO
- C) POSSIBILITA MELHOR APLICAÇÃO DE CRÉDITO
- D) É UM FATOR EDUCATIVO
- E) É FATOR DE ECONOMIA NA EXPLORAÇÃO PECUÁRIA
- F) É FATOR SOCIALIZANTE
- G) É UMA REALIDADE IRREVERSÍVEL.

### A) HISTÓRICO

Os leilões de gado tiveram início nos países de pecuária mais avançada, principalmente na Europa, se estendendo pelos países do Prata. Na década 50, realizaram-se os primeiros leilões, apenas de gado fino, na fronteira do Rio Grande do Sul com o Uruguai. Em 1960, ocorreram, efetivamente, os primeiros leilões de gado comum. A partir daí, houve uma generalização em todo o estado, desta forma que hoje em dia, praticamente todo o gado é vendido em leilões. Há muitos anos, no Brasil Central já se realizavam leilões de gado, em estabelecimentos governamentais, por leiloeiros públicos não especializados no setor. Foi em 1966, em Campo Grande MT., que se realizou o primeiro leilão de iniciativa privada e com Leiloeiro Rural. Posteriormente, em 1968, esse tipo de leilão teve início em São Paulo. Daí em diante, se generalizaram nos demais estados.

### B) FATOR REGULADOR DE PREÇOS NO MERCADO

O leilão de gado, por ser uma venda pública, serve de orientação de preços nas mais diversas regiões. O valor de venda de cada categoria de animais, também orienta os criadores que, por diversas razões, estão menos em contato com o mercado. Por esse motivo, os preços tendem a nivelar-se, variando apenas em função da qualidade e apresentação do produto, eliminando praticamente a variação, por desconhecimento do mercado.

### C) MELHOR APLICAÇÃO DO CRÉDITO

A venda de animais, ao ser pública, dificulta o super faturamento nas vendas, dando condições de uma aplicação mais racional dos créditos, beneficiando um maior número de produtores. Além disso, este tipo de venda representa uma valiosa colaboração às instituições de crédito, porque, normalmente, dispensa a ação de avaliadores oficiais, já que os preços devem ser estabelecidos pela lei de oferta e procura.

### D) FATOR EDUCATIVO

Em regra geral as vendas em leilões permitem que os produtores, avaliem, no ato da venda, a qualidade zootécnica, juntamente com a boa ou má apresentação dos animais, em função dos preços alcançados. Assistindo a vários leilões, o público em geral começa a comparar as diversas criações, podendo, assim, escolher livremente o que mais lhe convém. Desta forma, o comprador não sofre influência e injunções de hábeis vendedores e, também, tem mais oportunidade de conhecer e comparar as diversas raças e variadas criações.

### E) FATOR DE ECONOMIA NA EXPLORAÇÃO PECUÁRIA

Uma vez iniciado o melhoramento genético e alimentar, fez-se necessário uma racionalização no sistema de comercialização. Essa racionalização surgiu através dos leilões, que proporcionaram uma sensível economia de tempo nas vendas e permitiram uma maior dedicação ao ato de produzir, devido ao tempo economizado na tarefa exaustiva de comercialização, durante o ano todo.

### F) FATOR SOCIALIZANTE

Considero o leilão de gado socializante, porque permite que o pequeno, médio ou grande produtor, venda seus produtos em igualdade de condições. Isto é aplicado, principalmente, na venda de gado comum onde este sistema já está implantado. Em outras palavras, leilões são feitos em locais oficiais, ou em locais próprios de organizações que se dedicam a este tipo de negócio. Nestas ocasiões, são feitas concentrações de um grande número de gado, das mais variadas espécies. Os produtores poderão levar desde um animal até o número que comportem as instalações chegando, às vezes, a atingir alguns milhares (já realizamos um leilão com 2.000 bovinos e 10.000 carneiros em um só dia, no Rio Grande do Sul).

### G) CONCLUSÕES FINAIS

Por todas as razões acima expostas, entendo que o processo de comercialização de gado, através de leilões, é uma realidade irreversível, por ser racional. Portanto, entre outras razões contribui para o aumento da produtividade, o equilíbrio social e o melhor controle nas aplicações de créditos. Espero que o governo e instituições bancárias concedam todo apoio a este sistema que beneficiará a todos os setores a ele ligados.

Autor: Sr. Trajano Antonio de Lima e Silva

**LEILÃO** = uma maneira sensata de promover a Pecuária, pagando melhores preços aos produtores e facilitando o processo de compra

**VENDER E COMPRAR ATRAVÉS DE LEILÕES  
É BOM PARA TODOS.**

# GUZERÁ EXPORTAÇÃO

## México — 1923

V. Coronado

Mergulhamos num passado já bem distante, no afã de trazer à luz da publicidade, um documentário dos mais importantes, concernente à primeira exportação do Zebu Brasileiro, para os Estados Unidos através do México, o qual foi utilizado na formação do Gado Brahman.

Fazemos questão de ressaltar o empenho do Zootécnico Paulo Roberto Leite, MS em Melhoramento Animal — New México University, que vive como nós — diuturnamente pesquisando e observando o maravilhoso Gado dos Trópicos, o Zebu, ao obter do grande criador americano, J.D.Hudgins, Inc. — cidade Hungerford — Estado do Texas, diversos Certificados de Origem referentes aos tourinhos pelos mesmos adquiridos, expedidos pela então Sociedade do Herd Book Zebu-Uberaba.

Naquela memorável exportação chegou-nos às mãos nove certificados de origem, dos quais oito certificados referentes a tourinhos Puros da raça Guzerat e um certificado pertencente a tourinho cruzado Guzerat - Gyr, cujas

idades variavam entre 24 a 36 meses, tendo sido assinados pelos senhores Geraldino Rodrigues da Cunha e José Affonso Ratto, Presidente e 1.º Secretário da SHB.

Lamentavelmente não constam nos papéis, nenhuma referência quanto a criadores e proprietários, e sim apenas da empresa de exportação - Sociedade Pastoral Triângulo Mineiro Ltda., vendendo para J.F. Martin de San Antonio — Texas — USA à 5 de março de 1924 e deste definitivamente para

J.D. Hudgins em julho e setembro do mesmo ano. A marca "HZ" precursora do "Caranguejo" pode ser identificada na coxa direita, autenticando os animais "Puro Sangue", expressão em voga na época.

Obviamente, o presente documentário é um atestado de que foi de grande valia, o contributo do Grande Gado Branco Cinza do norte da Índia na formação do rebanho bovino tropical, não só quanto ao Indubrasil e do Brahman, mas do Pitangueira.

MONARCA	RG.—025	Marca — 25-HZ	Cor Fumaça
MARTIN	033	53-HZ	Branca
RODRIGO	036	51-HZ	Clara
ESTRELLA	069	ZB-HZ	Azulego Escuro
SELIM	072	VR-HZ	Branca
SUPIMPA	084	15-HZ	Azulego
AMORIM	118	OS-HZ	Branca
VULGAR	124	V-HZ	Branca
VICTOR	137	VR-HZ	Azulego

*Estrella*

**SOCIEDADE DO HERD BOOK ZEBU UBERABA**

U. S. DEPARTMENT OF AGRICULTURE  
BUREAU OF ANIMAL INDUSTRY  
WASHINGTON, D. C.  
MAY 26 1923

**Certificado de Origem**

A Sociedade do Herd-Book Zebu certifica que o reprodutor abaixo descrito, nasceu de sexo masculino e de puro sangue da raça Guzerat sendo filho de touros puros Guzerat. Touro da vacca pura Guzerat - Brasileira.

DESCRIPÇÃO: *Uberaba 30 de Maio de 1923*  
N.º da chapa: *069*  
N.º da inscrição no Herd-Book Zebu: *Registo Geral 069*  
Marca: *HZ*  
Esignaço: *7*

Com: *Paulo Roberto Leite*  
Nascido: *20 Julho 1920*  
Observações: *Inoculado contra o Carbunclo sintoma. Tiro. Inoculado contra a Periplasmose Bovina. (Puro touro)*



*Martin*

**SOCIEDADE DO HERD BOOK ZEBU UBERABA**

U. S. DEPARTMENT OF AGRICULTURE  
BUREAU OF ANIMAL INDUSTRY  
WASHINGTON, D. C.  
MAY 26 1923

**Certificado de Origem**

A Sociedade do Herd-Book Zebu certifica que o reprodutor abaixo descrito, nasceu de sexo masculino e de puro sangue da raça Guzerat sendo filho de touros puros Guzerat. Touro da vacca pura Guzerat - Brasileira.

DESCRIPÇÃO: *Uberaba 30 de Maio de 1923*  
N.º da chapa: *033*  
N.º da inscrição no Herd-Book Zebu: *Registo Geral 033*  
Marca: *HZ*  
Esignaço: *7*

Com: *J. F. Martin*  
Nascido: *5 Agosto 1920*  
Observações: *Inoculado contra o Carbunclo sintoma. Tiro. Inoculado contra a Periplasmose Bovina. (Puro touro)*



Dois dos Certificados apresentados pelo autor

# LITERATURA SOBRE IRRIGAÇÃO e técnicas de solo

Para receber – GRATUITAMENTE – qualquer desses manuais, basta escrever para Av. Cruz Cabugá, 515 – CEP 50.000 Recife, PE.

- 1) O Projeto Básico de Irrigação
- 2) Algumas Considerações Econômicas dos Métodos de Irrigação por Gotejo e por Sulco na cultura do melão.
- 3) Medição de descarga em Canais através de comportas reguláveis.
- 4) Orientação básica para execução de trabalhos aerofotogramétricos e topográficos.
- 5) Programa estadual de aproveitamento racional de várzeas irrigáveis.
- 6) Avaliação técnico-econômica de Projetos de Irrigação.
- 7) Potencialidades hidrogeológicas do Piauí para fins de irrigação.
- 8) Aproveitamento de água subterrânea do Vale do Gurugiá para fins de irrigação.
- 9) Absorção de "know-how" em Contratos de Consultoria.
- 10) Aspectos Econômicos da irrigação com aproveitamento de águas subterrâneas.
- 11) Alternativa de Planejamento no setor primário do Estado da Bahia.
- 12) Modelo Metodológico de Treinamento Econômico de Colonos.
- 13) Notas sobre sistema autopropelido de irrigação por aspersão.
- 14) Programa de Aproveitamento de várzeas – uma alternativa da agropecuária de Minas Gerais.
- 15) Retificação e Drenagem de Cursos Naturais.
- 16) Perdas de nutrientes (N, K, Ca, Mg) por lixiviação em sistema de Drenagem subterrânea.
- 17) Estudos da Irrigação por gotejamento em ameixa carmesim.
- 18) Aspectos do movimento vertical da água em permeamento de carga constante.
- 19) Utilização do Tanque Classe A, na determinação da evapotranspiração real em cultura de cana-de-açúcar.
- 20) Utilização da vinhaça através do sistema de irrigação por sulcos de infiltração em cana-de-açúcar.
- 21) Experimentos com aplicação de diferentes níveis de adubação NPK na cultura do arroz sob irrigação.
- 22) Melhoramento e manejo de pastagem visando associar áreas de sequeiro e de irrigação no nordeste semi-árido.
- 23) Estudo da adubação nitrogenada nas diferentes épocas do desenvolvimento da cultura do arroz em perímetros irrigados.
- 24) Estudo de diferentes produtos químicos no combate ao ácaro na cultura do tomateiro em perímetros irrigados.
- 25) Consumo de água de duas cultivares de arroz em três tratamentos de irrigação.
- 26) Balanço hídrico horário na Bacia de Serra Azul, MG visando ao desenvolvimento agropecuário em cerrados.
- 27) Influência do intervalo de irrigação na cultura do melão em solos aluviais.
- 28) Regulamento de um sistema de irrigação e drenagem: as instruções a serem observadas pelos usuários do sistema do arroio-duro.
- 29) Alternativas institucionais para implantação e exploração de perímetros irrigados no Nordeste.
- 30) Crédito rural para projetos de irrigação um instrumento carente de aperfeiçoamento.
- 31) O incentivo fiscal para o reflorestamento no Nordeste.
- 32) Locação e perfuração de poços tubulares em áreas caustificadas, visando a obtenção de água para irrigação.
- 33) Escolha econômica de aspersores e seus espaçamentos.
- 34) Dimensionamento de sistemas de irrigação sob tensão
- 35) Uso múltiplo das águas do rio São Francisco
- 36) Grandes Transferências entre Bacias Hidrográficas
- 37) Implantação de perímetros irrigados e técnicas para operação e manutenção.
- 38) Disponibilidade hídrica do vale do rio Jaguaribe no Estado do Ceará.
- 39) Condicionantes físicos do projeto de irrigação do Distrito Agroindustrial do Jalba: problemas geológico-geotécnicos.
- 40) Modelo para padronização da velocidade de infiltração básica (VIB) usando-se o infiltrômetro de anel.
- 41) Problemas de sais nas áreas em operação agrícola do Projeto de irrigação do São Gonçalo, PB.
- 42) Efeito do déficit fenológico de água sobre a produção e características industriais do tomate.
- 43) Efeito da irrigação sobre a adubação NPK em cana-de-açúcar.
- 44) Perdas por infiltrações nas leiras em lotes de arroz.
- 45) Efeito da Lâmina de água e da adubação nitrogenada sobre a produção de feijão macassar, utilizando o sistema de irrigação por aspersão em linha.
- 46) Influência dos métodos de irrigação por sulco e gotejo na cultura do melão.
- 47) Influência dos métodos de irrigação na produção de cebola.
- 48) Estudo da resistência à seca em cultivares em feijão.
- 49) Determinação da evapotranspiração em tomate industrial através do balanço completo de água sob diferentes regimes de irrigação.
- 50) Irrigação da cultura da cana-de-açúcar a diferentes níveis de água do solo.
- 51) Irrigação por gotejamento na cultura de cana-de-açúcar.
- 52) Balanço do húmus dos solos irrigados dos projetos do DNOCS no nordeste.
- 53) Comportamento da cana-de-açúcar sob diferentes regimes de irrigação.
- 54) Influência dos métodos de irrigação e sistemas de adubação na cultura do tomate industrial.
- 55) Introdução e avaliação do método de irrigação por sucção na região do Trópico semiárido.
- 56) Hidráulica de linhas laterais para irrigação por gotejamento.
- 57) Irrigação por furos – utilizando-se a vazão e pressão natural de poços artesianos.
- 58) Influência de diferentes níveis de irrigação por gotejo sobre rendimentos de lavoura produtiva de cacau.
- 59) Determinação e Análise da Uniformidade de distribuição da água no sistema de irrigação por aspersão.
- 60) Drenagem como meio de recuperação dos solos salgados.
- 61) Produção de energia através de fotossíntese em áreas irrigadas.
- 62) Plano para o desenvolvimento da pesca e da piscicultura no Baixo Rio Parnaíba.
- 63) Sobre a criação intensiva de peixes em perímetros irrigados do DNOCS.
- 64) Comercialização da produção de áreas irrigadas
- 65) Modelo Operacional para Desenvolvimento da irrigação
- 66) Desapropriação de áreas para a irrigação.

Divisão de Informação  
DAN-METAL – Av. Cruz Cabugá, 515  
50.000 – Recife – PE.

## FESTA DO GUZERÁ EM NATAL

De 8 a 15 de outubro, em Natal, RN, o Brasil estará assistindo à IIIª. Exposição Nacional de Gado Guzerá que será coroado com o I Leilão Nacional da Raça Guzerá.

A promoção da Associação de Criadores de Guzerá do Brasil, contou com o apoio do Governador Tarcísio de Vasconcelos Maia e do Secretário

de Agricultura, Dr. Haroldo de Sá Bezerra.

Os mais expressivos criadores brasileiros, estarão apresentando cerca de 500 animais, sendo que a comercialização contará com financiamento de diversos bancos oficiais e particulares.

O Ministro Alysso Paulinelli, da Agricultura e os Governadores do Norte e Nordeste estarão presente à abertura da festa-maior do Guzerá.

A Raça, que quase se extinguiu,

nas décadas de 1920/30, para formação do Indubrasil, foi novamente se consolidando, dada a excelente rusticidade e aptidão leiteira dos animais. O Guzerá, portanto, foi um dos esteios da pecuária brasileira e, hoje, ascende – novamente – ao posto, principalmente no Nordeste, palco ideal para a criação dessa raça.

A Exposição mostrará aos olhos dos criadores brasileiros a performance do nobre gado dos Marajás indianos.

# OS PECUARISTAS DO NORDESTE

EURIPEDES OLIVEIRA, homem com o sabor de Nordeste, que enfrentou as grandes secas de três gerações, porta-voz fiel da História de toda uma época, é um patrimônio vivo cultural na Paraíba e, principalmente, é uma das vozes que clamam contra a insensatez e alertam o desvirtuamento gerado pelo progresso mal planejado.



*Estará o Brasil assistindo à criação de um novo e utópico império que teria por único fim "comandar" todos os aspectos da exploração agropecuária? Os sonhadores que tentam engendrar esse império reservam para si extensos perímetros irrigados, com máquinas modernas e adubos à vontade, deixando para o homem-da-terra as áreas improdutivas, transformando-o no autêntico vilão da época medieval.*

*Essa inocência, segundo o autor, deverá ser combatida pois os perímetros irrigados deveriam ter fornecido a cebola, arroz e demais produtos que foram vergonhosamente importados. E nesse combate, os heróis serão os pecuaristas.*



*Os técnicos em seus gabinetes querem implantar um novo Império, no Nordeste, alicerçados na fantasia e teorias alheias à realidade da vida rural.*

O pecuarista nordestino alinhou-se aos seus companheiros do sul, com muitos anos de atraso. Os de primeira tinham a seu favor uma terra privilegiada com todos os recursos necessários. Vivia a pecuária nordestina, ainda em dias de segunda década deste século, na mesma situação criada nos começos do povoamento.

O Norte e o Nordeste do Brasil foram sempre tratados como mero prolongamento territorial da Nação. Os governantes do País, quase sempre filhos do sul, carregavam para suas origens todos os recursos de que podiam dispor. 75% das estradas de ferro existentes no começo do século foram plantadas nos Estados que rodeavam a capital federal. Lá estavam todas as sedes do Governo Central, de navegação, indústrias de base, arsenais, os melhores portos e deixavam que os demais Estados vivessem com os seus

próprios e minguados recursos.

Enquanto o Nordeste vivia entregue à sua própria sorte, a seca era um fantasma que afastava o sulista e sacrificava o filho da terra. Em todo ele, apenas a lavoura canavieira tinha assistência do Poder central como reflexo das similares do sul.

O criador nordestino venceu, apesar das várias zonas fisiográficas muito diferentes entre si, apesar de haver mais de cem quilômetros de separação entre a zona canavieira — com chuvas sempre regulares — e a do Cariris, pedregosa com uma camada vegetal de poucos centímetros de espessura, onde se observa a menor queda pluviométrica do Brasil.

O desconhecimento das diferentes formas de solo e de clima do Nordeste levou os técnicos, sociólogos e econo-

mistas atualmente na direção da Sude ne a desaconselhar a continuação das obras de estruturação aqui planejadas a partir de 1910, para contrabalançar os efeitos das irregularidades dos invernos. Eles equiparam todo o Nordeste às glebas onde se instalaram ao lado dos canais de irrigação, alimentados pelas represas construídas pelos pioneiros (?). Nelas assentaram os seus estabelecimentos e começaram a aplicar as lições aprendidas nas Universidades, vindas de povos, em muitos casos diferentes do nosso. Assegurados na posse de uma área selecionada entre as melhores de todas as beneficiadas pelo esforço dos engenheiros das obras contra as secas; dispondo de maquinaria das mais modernas e de estradas permitindo um fácil transporte, eles se julgaram uns vitoriosos e únicos capa-

*Apesar dos obstáculos e da Natureza, os nordestinos continuam sua luta...*



zes de resolver os problemas do Nordeste.

Partindo da justificativa de seus fracassos nos inúmeros projetos postos em andamento na última década, para solução dos problemas da terra e do homem, os técnicos da Sudene elaboraram um Documento de 28 itens, pretendendo que ele venha servir como subsídio para a atuação do próximo Governo na área do Nordeste.

Eis uma análise sumária de alguns capítulos:

**CAPÍTULO "DA ESTRUTURA FUNDIÁRIA"** — pretendem a promoção de um amplo programa de reforma agrária, a fim de promover a mudança da estrutura de posse e uso da terra e mais a compatibilização dos planos e projetos governamentais, praticando uma completa reestruturação agrária e social. Em resumo: querem a anulação de todos os direitos de posse e usufruto da terra no Nordeste, anulando toda ordem econômica, jurídica e social estabelecida em três séculos de povoamento. Depois dele, ninguém mais seria dono das terras.

**CAPÍTULO "DO CRÉDITO"** — Os técnicos querem que a mobilização do crédito, fomento, rede de agentes de crédito e distribuição, seja feita através de suas organizações. A eles somente caberia a mobilização de capitais.

**CAPÍTULO "DA ASSISTÊNCIA TÉCNICA E DESENVOLVIMENTO DE PESQUISAS"** — querem que toda iniciativa de assistência, treinamento de mão-de-obra e integração do sistema de pesquisas fiquem sob sua direção. Dessa forma a ciência ficaria subordinada a seus cânones.

**CAPÍTULO "FORTALECIMENTO DO MERCADO"** — caberia a eles toda iniciativa de comercialização, em todos os meios, até a descentralização geográfica da agro-indústria e da rede de abastecedores e frigoríficos. Assim somente eles poderiam comprar, vender, abater ou mandar um boi para qualquer parte da terra.

**CAPÍTULO "DA POSIÇÃO DA SUDENE"** — querem chamar para si toda coordenação, planejamento e supervisão dos planos, programas e projetos oficiais do Nordeste, com o apoio de um Conselho Técnico Colegiado, do qual participariam em caráter efetivo, representantes dos diversos órgãos que atuarem na região.

Os técnicos pretendem apenas a criação de um Estado que deveria ser ampliado através da ocupação das terras devolutas do Maranhão à Bahia, principalmente das bacias dos rios São Francisco ao Jaguaribe; do aproveitamento dos tabuleiros costeiros e da liberação das terras da mata, do litoral e da zona canavieira do Nordeste.

Não pretendem os técnicos a coroa do Império que pensam fundar, não

ambicionam o poder absoluto pois admitem a assistência de um Conselho Técnico composto de representantes dos órgãos que atuarem na região. Apenas seria um Estado sob o regime por eles criado, embutido no território nacional sob o seu único poder. Enquanto esses sonhadores reservam para si as mais selecionadas glebas dos perímetros irrigados, dispendo de maquinaria moderna; recursos financeiros à vontade; instalados em confortáveis vivendas, cuidando unicamente da produção de bens de rentabilidade assegurada pelo consumo de indústrias combinadas, deixando improdutivas extensas áreas, os meros vazanteiros dos açudes particulares, com engenhos primitivos, igualmente produzem quanto precisam para sua subsistência e comércio. Aos poucos o vazanteiro autônomo vai assimilando as técnicas de cultura, assim se preparando para melhores empreendimentos, enquanto o colono ou irrigante assentado nas áreas pré-determinadas nos seus campos, cuidam unicamente da erradicação de ervas daninhas, não lhes cabendo escolher sua cultura, plantar ou comercializar o produto da gleba que está registrada em seu nome. Ali ele unicamente repetirá mecanicamente o seu trabalho durante gerações, sem melhorar a sua condição de colono, revigorando dessa forma a figura do vilão das eras medievais. Porque poucos permanecem nesse estado de servidão, os técnicos registram o fato como prova da pouca capacidade ou falta de interesse pelo trabalho.

O programa elaborado em 1910, para as obras contra as secas, previa todas as possibilidades, partindo do homem, sua elevação e melhoramento como base. A terra em toda sua estrutura, o transporte e o comércio, enfim, procurava criar uma nova sociedade à altura das demais. O Documento agora proposto para estudos do futuro Governo, quer a terra e o homem apenas como um laboratório para uma experiência sócio-econômica ensaiada por um grupo de teóricos.

A ausência de matéria-prima de origem horto-granjeiro, não permitirá agora a instalação de indústrias de relevo, mas poderiam surgir com um racional aproveitamento das terras e de toda reserva de água acumulada nas represas construídas. Inexplicavelmente, represas como a de Coremas, Mãe-D'Água, com centenas de quilômetros de margens e perto de um bilhão e meio de volume, estão inteiramente abandonadas.

A exploração das conhecidas jazidas de ricos minérios será possível, quando surgir uma oportunidade de aproveitamento. A pecuária, entretanto, vem se mantendo — há mais de três séculos — provando um imenso dinamismo e,

mesmo abandonada, por sua iniciativa está resolvendo o melhoramento de sua base o boi. Esquecer esse fator na vida econômica do Nordeste foi mais uma revelação da falta de visão dos técnicos na elaboração do Documento.

Devemos pensar no Nordeste, tendo a pecuária como base econômica. O plano proposto pelos técnicos não sugeriu meios de fomentar esta base da nossa riqueza, embora a formação do solo, no Nordeste, indica que está reservado para a pecuária e uma agricultura de manutenção, apenas.

Aceitando-se o princípio adotado pelos técnicos no seu Documento de que toda terra sem cultura está devoluta e pode ser redividida, os criadores nordestinos que precisam de áreas bem maiores que os sulistas, pois somente com a irrigação podem se assegurar pastagens todo tempo, as áreas de pastagens nativas reservadas para as oportunidades, seriam, a critério dos técnicos, julgadas abandonadas. Igualmente perderiam o seu auto-governo pois até a comercialização dos seus produtos está sendo considerada um privilégio dos técnicos subordinando-a às deliberações de um Conselho Técnico Colegiado.

Cabe aos pecuaristas dar apoio à restauração, em sua plenitude, do programa das obras contra as secas, com a construção de mais represas, a fim de assegurar mais água para irrigação e mais possibilidades para a pecuária.

A presunção dos técnicos de sua capacidade de trabalho teria sido justificada se eles que contam com tantas possibilidades tivessem respondido ao apelo do comércio do sul quando se viu forçado a importar alho, cebola, milho, arroz, verduras e outros produtos de difícil obtenção nas terras irrigadas do polígono das secas. Assim respondeu um simples técnico nordestino quando solicitado pelo Estado Maior das Forças Americanas estacionado em Natal, assegurando o abastecimento de produtos horto-granjeiros às forças de passagem naquela cidade no tempo da última guerra.

Não bastou o abandono em que viveu o Nordeste durante tantos anos ou séculos. Há agora uma força tentando cortar as possibilidades que estão surgindo aqui. Os que elaboraram o Documento apresentado como base para estudos do futuro Governo querem o seu retrocesso aos tempos de simples colônia, mas a revista PARAÍBA PECUÁRIA veio revelar ao Nordeste a sua própria força, e a existência aqui, de criadores capazes de enfrentar os mais árduos esforços em prol da pecuária nacional, provando o seu domínio sobre uma terra árida, de clima incerto e com uma economia inteiramente desamparada.

# FAZENDA PANORAMA

JOSÉ SÉRGIO MAIA

Av. Venâncio Neiva, 308 - Telefone: 210 - CEP 58.984 - Catolé do Rocha, Paraíba

SCHWYZ - PO e PC  
A regime de campo  
CARNE e Leite

MAKER DUCHESS DE SANTA MADALENA  
RG. 4398 - Nasc: 13.05.1974

V.B. CRESCENT  
HISTORY MANAR - 47

V.B. DUCHESS CREMONA  
4509

A avó de DUCHESS, V.B. Madam Hilda Princes, RG 410826-USA e sua bisavó P-mable's Tamarind Violet, RG 352683-USA, atingiram a notável marca de 11.122 kg de leite. DUCHESS foi Campeão Touro Jovem-1977, na Primeira Exposição Nacional de Gado Schwyz, no Estado de São Paulo.

VENDA  
PERMANENTE  
DE  
TOURINHOS

Registro Genealógico  
do Estado de São Paulo.

EVEREST DE PANGAUÁ,  
RG. Prov. 8638, Nasc: 25.11.1975,  
filho de FIRN (importado)  
RG. 4219  
e CARINHOSA - RG. 5305.





a chuva com certeza

# IRRIGAÇÃO



- Mais de 10.000 hectares irrigados no Nordeste
- Ideal para Pastagens, Cana-de-Açúcar, Rami, Citrus, Banana, Sementeiras, Hortaliças, Fruteiras, etc.
- Equipe de Técnicos Agrônomos à disposição para atender em qualquer parte do Nordeste
- Dan Metal tem a solução para as pequenas, médias e grandes empresas agropecuárias

A Irrigação é o sinal do progresso em sua pastagem e sua cultura.

Solicite e receba nossa Literatura Técnica gratuitamente.

**"IRRIGAÇÃO POR ASPERSÃO"**

Tenha a chuva com certeza e lucro certo



## DANMETAL

Avenida Cruz Cabugá, 515 - Santo Amaro  
 CEP 50.000 - RECIFE - Pernambuco  
 End. Telegráfico - "DANMETAL"  
 Telefones: (081) 221.4733/221.1225

UM PRODUTO DE QUALIDADE "PERROT"

A irrigação é a certeza de uma boa pecuária e agricultura, - prioridades nacionais para o desenvolvimento da N.

